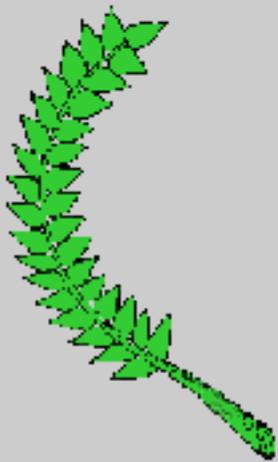
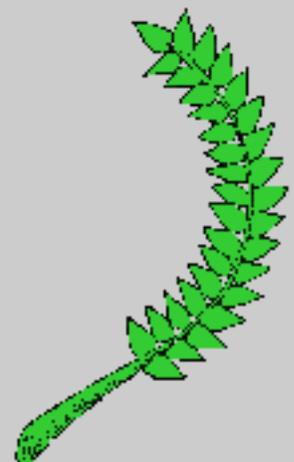

Coleção Ficção Científica



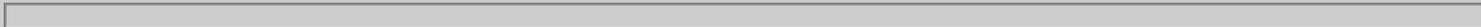
A Face Oculta da Galáxia



Miguel Carqueija

Uma edição eletrônica não-comercial da

CASA DA CULTURA



A Face Oculta da Galáxia

Miguel Carqueija

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



André Carlos Salzano Masini

Copyright © Miguel Carqueija

Os direitos de todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados a seu autor, e estão registrados e protegidos pelas leis do direito autoral.

Esta é uma edição eletrônica (e-book) não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. **Este exemplar de livro eletrônico pode ser duplicado em sua íntegra e sem alterações, distribuído e compartilhado para usos não comerciais, entre pessoas ou instituições sem fins lucrativos.** Nenhuma parte isolada deste livro, que não seja a presente edição em sua íntegra, pode ser isoladamente copiada, reproduzida, ou armazenada em qualquer meio, ou utilizada para qualquer fim. Este livro eletrônico não pode ser impresso. Os direitos da presente edição permitem exclusivamente a leitura através de algum programa de leitura de arquivos PDF.

Quaisquer dúvidas podem ser esclarecidas através do e-mail contatos@casadacultura.org

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



PREFÁCIO

Miguel Carqueija pertence a uma geração de escritores de fantasia e ficção científica que surgiu na década de 1980. Diferente da “geração GRD” dos anos 60, a geração 80 conseguiu vencer o bloqueio editorial contra a ficção científica nacional através dos fanzines que proliferavam de norte a sul do país, naquela época. Tínhamos o Antares em Porto Alegre, o Megalon e o Juvenatrix em São Paulo, e o Somnium do Clube dos Leitores de Ficção Científica, este juntando o pessoal do Rio e de São Paulo.

Estes fanzines deram abrigo a um grupo de escritores que cresceu em uma época em que as viagens espaciais não eram mais uma fantasia de história em quadrinhos e quando o mundo se transformava, através da revolução da informática e da biotecnologia, para criar este cenário do século 21 em que vivemos agora. Paralelamente a isso, a ficção científica passava por um período de grande popularidade no mundo, com filmes cheios de efeitos especiais, histórias em quadrinhos de grande beleza gráfica e a primeira geração dos jogos de computador. Um ambiente portanto muito estimulante para se sonhar com mundos possíveis e impossíveis.

Foi nesse período que conheci o Miguel, nas reuniões do CLFC do Rio de Janeiro e comecei a apreciar suas histórias, cheias de uma temática e um estilo bem pessoais, e cuja leitura tornava ainda mais agradável a chegada de um novo fanzine. Com nosso entusiasmo pelo papel das mulheres no futuro da humanidade várias vezes trocamos idéias e opiniões sobre novas histórias envolvendo fascinantes heroínas.

E aqui está o Miguel, em pleno uso de sua imaginação, com uma novela que envolve espionagem e ficção científica, e que nos leva para um passeio fantástico pela “Face oculta da Galáxia”. Os dois gêneros, o romance de espionagem e o romance de ficção científica se desenvolveram paralelamente no século passado, cada um contribuindo para o outro e as vezes se unindo num casamento delicioso. Pouca gente se lembra, mas o primeiro agente secreto interplanetário foi o “Buck Rogers” dos quadrinhos. Principalmente na fase desenhada por Gene Tuska, entre 1959 e 1963, quando o “primeiro herói espacial da HQ” virou um James Bond futurista, percorrendo planetas exóticos em missões para o Diretório Terrestre. Sempre equipado com engenhocas de altíssima tecnologia e acompanhado por duas belas damas: A loira Vilma e a morena Carol. Foi essa fase do Buck Rogers que influenciou o seriado de TV dos anos 70, com o Gil Gerard, o robôzinho Twiki e um monte de beldades.

Mas que ninguém acuse o Buck de copiar James Bond. Os dois se desenvolveram paralelamente. Na mesma época surgiu também a espiã mais famosa dos quadrinhos, a inglesa Modesty Blaise, que influenciou a lady Penelope dos Thunderbirds (Magistralmente recriada em carne e osso, ano passado, pela Sofia Miles) e a Barbarella da dupla Roger Vadim e Jean Claude Forrest. Sim, porque a personagem da Jane Fonda no filme de 1967 é uma agente secreta em missão especial no sistema solar vizinho da estrela Tau Ceti.

A brasileira Joana Pimentel, codinome Vesper é quem nos serve de guia em “A face oculta da galáxia”. Ao contrário de suas antecessoras, a personagem do Miguel está aposentada das “missões de campo” aos 40 anos de idade, depois de perder o marido e parceiro em uma missão. Mas como toda agente secreta que se preza ela é chamada para “mais uma última missão” e resolve aceitar, forçada por uma situação econômica difícil, agravada por mais um daqueles planos econômicos do governo (Parece que nem no futuro o Brasil escapa disso).

É o começo de uma aventura cheia de ação que nos leva aos cenários surrealistas do planeta Sombrio e a busca por um artefato que pode destruir o Universo. Com seu estilo cinematográfico Miguel cria uma aventura que ficaria perfeita num filme ou desenho animado daqueles bem coloridos. A trama é envolvente e arrastou-me pela madrugada a fora até o desfecho final.

Final que deixa um bom gancho para uma continuação, prometendo, quem sabe um dia, um confronto final entre Vésper e a assassina profissional Valentina. Afinal, agente secreto que se preza não se aposenta nunca.

Jorge Luiz Calife

A FACE OCULTA DA GALÁXIA

INTRODUÇÃO

A VOLTA DO PASSADO

Oi! Eu sou Joana Pimentel, mas podem me chamar de Vésper. É meu nome de guerra e eu o prefiro, mas pouca gente me conhece assim. Nos últimos anos, aliás, poucas vezes me chamaram de Vésper - desde que, aos 35 anos, perdi meu marido, Alfie, agente mercenário como eu, em combate. Eu o vi morrer em meus braços, durante uma de nossas missões. Desde então, desgostosa, me afastei do Serviço Secreto, apesar dos insistentes pedidos para que voltasse a trabalhar para a Federação. Preferi voltar para a residência da minha família no Circulo Mineiro, onde quase não precisava sair de casa, trabalhando pela Cosmonet e varrendo da cabeça as tortuosidades das missões intersiderais pela segurança planetária e solar. Aos 40 anos eu era uma tranqüila dona de casa e profissional autônoma, ainda jovem, bonita e atraente para os padrões masculinos, e meus filhos estavam encaminhados na universidade. Eu me julgava relativamente feliz, embora ainda sofresse as saudades do Alfie.

Foi quando Beng, o chefe da seção brasileira da Cosmopol, veio me procurar. Ele havia sido meu chefe informal, já que eu não possuía contrato, vínculo trabalhista. Teoricamente eu poderia atribuir-lhe responsabilidades pela morte de meu esposo, mas quando íamos para essas missões sabíamos que podíamos não voltar.

Agora, aparentemente, o Estado precisava novamente de mim, e queria que eu sáísse de meu voluntário retiro.

- Sabemos o quanto foi traumatizante o que aconteceu com Alfie – foi dizendo ele – Mas já se passaram cinco anos e você não vai querer, é claro, passar o resto da vida entre robôs domésticos e trabalhando com monografias. Mas não é só isso. Nós precisamos de você, de suas habilidades. Há um grande perigo no ar, e você não pode ficar de fora. É até uma questão de patriotismo.

Vontade eu tive de lhe dizer onde deveria enfiar o seu patriotismo. Afinal as minhas atuais dificuldades econômicas – e eu as tinha!- relacionavam-se com a política estúpida do Primeiro ministro Henrique, pois os salários estavam congelados, os preços subiam, ninguém tinha dinheiro para pagar por serviços e os nossos maiores recursos eram canalizados para o pagamento de juros de dívidas.

Mas havia um fator que me limitava. Eu estudei em colégio de freiras e adquiri uma inibição insuperável para falar palavrões. Outras coisas eu faço, é

claro. Posso lutar, utilizar armas pesadas, matar. Mas palavras eu não digo. Fazer o que?

Como quer que seja, ainda procurei me esquivar:

- Faz cinco anos que eu não saio em missões. Já estou muito enferrujada.

Ele serviu-se dos bolinhos de bacalhau oferecidos pelos robôs-bandeja e sorriu:

- Rainha é sempre rainha, Joana. Tenho certeza de que você não perdeu suas velhas habilidades.

- Se for assim, para início de conversa pare de me chamar de Joana. Se eu realmente aceitar a missão, a força do hábito poderá me perder.

- Ah! Ah! Ah! Está vendo? Já se pôs na defensiva! Este bem, Vésper. Vejo que você vai aceitar.

- Mais devagar. Não sei ainda que diabo você quer comigo e da última vez eu perdi o meu marido e convenhamos, não precisava mais do que isso para me afastar de vocês.

- Por que não se casou de novo?

- Tenho os meus filhos para me ocupar...

-... que agora estão na faculdade, moram lá em Fernando de Noronha e não te dão nenhum trabalho...

- Qual é o problema, Beng? Não gosto de perder o meu tempo.

- OK. Você conhece Sombrio?

- Aquele planeta de Cintilante? Puxa, fica a uma distância estúpida...

-... nos confins da galáxia conhecida. Alguma coisa muito importante para a Federação perdeu-se por lá ou para lá foi levada, e nós vamos ter que recuperá-la.

- Apenas isso?

- O Alto Comando programou também a morte do comandante Teplê K. Vichtis, classificado atualmente como inimigo nº1 da Terra pela alta periculosidade que esse homem representa para os nossos planos.

- Homem?

- Bem, a rigor ele é um batráquio chifrudo macho, mas isso é só um mero detalhe.

- Eu não gosto disso, Beng. Não gosto de matar. Se é para isso...

- Não tem que se preocupar. Foi por causa desses escrúpulos morais que o Alfie morreu. Se você ele não tivessem poupado o inimigo quando tiveram a oportunidade de elimina-lo...

- Não me recorde essas coisas. Você diz para que eu não me preocupe? Posso saber porque?

- É claro. Nós contactamos com uma conhecida assassina profissional e é ela quem fará o trabalho sujo.

- O que? Quem é ela?

- Você já deve ter ouvido falar: Valentina.

Claro que ouvira! Valentina, a matadora. Ou Valentina, a mortífera. Ninguém – provavelmente nem ela própria – sabia quanta gente Valentina já mandara para o outro mundo. A sua fama de violenta, fria e implacável, hábil com qualquer arma, perita lutadora, atravessara a Galáxia. Mas ninguém sabia quem era Valentina, um nome de guerra como Vésper. A idéia de trabalhar lado a lado com a carniceira me repugnava, por isso pensei mais uma vez em recusar. Beng, porém, pareceu ler meus pensamentos:

- A propósito, Vésper, como está a sua conta econômica?

Ele tocara no meu ponto fraco, e sabia disso.

- Se você quer saber, a indenização pela morte de meu marido já se acabou há muito tempo.

- E você tem despesas altas. Manter dois jovens na faculdade...

- Fora outras coisas, é claro.

- Bom. Você aceita, não aceita?

No fundo eu já sentia a comichão da aventura, mas faltava uma coisa:

- Quero saber mais. Não vou atravessar meia galáxia no escuro. Nós vamos atrás de que?

- Isso é segredo de estado, Vésper.

- E como você quer que eu vá numa missão arriscando minha vida, sem saber do que se trata?

- Você saberá o que for necessário à proporção que nós avançarmos... se você nem aceitou a missão, como é que eu posso lhe revelar o que é?

- Eu sei. É uma armadilha de vocês. Se eu aceitar saberei do que se trata e aí não poderei voltar atrás porque vocês já me revelaram, e sem estar na missão não poderia saber. Aí vocês me matam, não é?

- Vésper, não seja tão trágica...

- Não há nada que você possa me revelar extra-oficialmente? O que é que vocês perderam lá? Tenho quase certeza de que não foram as cuecas do primeiro-ministro. Afinal, as fêmeas de lá não são muito atraentes.

- Foi um objeto. Apenas isso.

Levantei-me e encarei-o.

- Que objeto pode ser tão importante a ponto de que vocês me contratem e a uma assassina conhecida? Não somos baratas e você sabe disso.

- Esse objeto... pelo que me foi revelado... é um cristal translúcido de tropismo dimensional em forma de chapa e relacionado com a estabilidade do Cosmo. Isso é o bastaste?

- Se isso tudo significar alguma coisa, acredito que sim. Quando é que eu parto?

- Não quer saber quanto você vai receber?

- Não, porque eu já sei. Quem faz o preço sou eu, lembra-se? São quinhentos mil virtuais pagos adiantados, *agora*, e o resto a gente vê depois.

- Está bem. Está dentro de meus limites. Ainda bem que eu não tenho que pagá-la do meu bolso...

CAP I

VALENTINA

- A serviço do governo, Joana? Depois de tanto tempo?

- Eu poderia ter feito pesquisas arqueológicas esse tempo todo, Jael... mas não quis. De qualquer modo está mais do que decidido, eu preciso de dinheiro e distração e você cuida dos meus negócios.

Mesmo na tela dava para ver a preocupação em seu rosto.

- Não se meta em nada arriscado. Esse Instituto de Pesquisas Galáticas já mandou você para cada buraco...

- Eu sei me virar. Bem, estamos conversados. Mais uma vez muito obrigada, meu amigo.

Anos de conhecimento davam-me condições de confiar em meu advogado que, aliás, fôra amigo também de Alfie. Despedi-me dos meus filhos pela Cosmonet – Andréia e Filipe não esconderam a surpresa! – e fui ao encontro de Beng, não na cúpula da Cosmopol, é claro, mas no restaurante das Azaléas, no Grande Corredor do Nordeste, a um quilômetro do Cosmoporto Noriel Casagrande. Tendo modificado o meu penteado e colocado roupas diferentes das minhas usuais, e portando uma porção de utilidades na mochila e nas roupas, cheguei pontualmente e até adiantada na mesa que nos fora reservada. Não havia ninguém, de modo que pedi um caldo de kitprultz e uns bolinhos de queijo com aperitivo, enquanto aguardava. Em dez minutos Beng apareceu e sentou-se à minha frente.

- Que prazer em vê-la, princesa! E pensar que eu julgava que esses dias estavam definitivamente no passado...

- Eu também, eu também, chefe. Quem mais virá?

- Mais três pessoas: Rotterdam e Tennessee, que você conhece, e Valentina.

- Ah, sim. A figura.

- Vocês duas terão que se dar bem, você sabe. Não quero saber de ciúmeiras. A Cosmopol está pagando um preço muito alto pelos seus serviços e vai me cobrar resultados.

Eu fiz um gesto displicente.

- Da minha parte não tem com o que se preocupar. Tratarei de fazer o meu serviço. Só não me ponha sob as ordens dela, porque isso eu não aceitarei.

- As duas estão sob as minhas ordens. Agora evitemos falar nisso. Quer uma pizza?

Eu sorri.

- É por conta da casa? Está bem. Peça uma bem grande, de cogumelos, que deve chegar para cinco pessoas.

Mas nós já havíamos acabado com metade dela quando Tennessee chegou. Era baixo, gordo, mulato, com lábios grossos e braços vigorosos. Eu e Alfie havíamos trabalhado com ele em Netuno, na encrenca da sabotagem no gerador ultrapositrônico, e sabia que ele trabalhava bem e falava pouco. Mas ele comia bastante, e encomendou logo uma lasanha de frango com espinafre ao molho tuperine.

- E Valentina? - indaguei.

- Ela virá com Rotterdam. Já devem estar chegando. – Beng ajeitou os cabelos brancos e já escassos e abriu uma garrafa de “brandy”.

- Lá vêm eles - disse Tennessee.

Olhei – e vi pela primeira vez em minha vida, a pessoa de Valentina. Era uma mulher alta e forte, loura, tipo norueguês ou finlandês, não propriamente feia mas com uns ares masculinizados, os cabelos curtos. Rotterdam, a seu lado, parecia quase pequeno, com seu 1,70m e peso médio, cabelos pretos e aparência de uns 48 ou 50 anos, era um agente veterano. Eu e ele explodíramos juntos o caldeirão atômico dos ostorões, durante a guerra de Dorado, doze anos atrás; mas eu não via o há oito anos. Envelhecera, sem dúvida.

Não era o meu caso, tanto que, quando ele me beijou, disse:

- Você não mudou nada.

Agradei lisonjeada, e ele me apresentou Valentina. Ela me cumprimentou friamente, apertando-me a mão. Mas apertou-a com uma força excessiva, e ostensiva, machucando-me. Senti a dor mas reprimi toda a manifestação. Não me agradava dar parte de fraca diante daquela viking metida a besta.

- Eu estava curiosa em conhecê-la – disse ela, com uma voz meio masculinizada.

- Eu também – falei, para ser agradável, mas sem muito entusiasmo.

- Vai ser bom trabalharmos juntas.

- Espero que sim.

Ela chegou com muito apetite, tanto que encomendou logo uma repugnante sopa de mexilhões, cujo cheiro e aspecto me nausearam. Pedi um café de cheiro para contrabalançar. Estávamos começando bem, pensei.

E Rotterdam? Bem, lembro-me que ele pediu uma feijoada bem brasileira. Hábito adquirido em minha companhia, em tantas missões no passado...mas, desde que eu me tornara mais naturalista, abandonara as comidas mais pesadas e indigestas.

CAP. II

ASSÉDIO SEXUAL

Nossa primeira parada era a Roda Espacial Zênite, situada a mais de 150.000 quilômetros da superfície da Terra constituía um excelente trampolim para as estrelas. De lá, pegaríamos uma nave fotônica subespacial que viajaria pelo hiperespaço, único meio de chegar em nosso tempo de vida uma distancia tão grande. Para aproveitar as influências do campo hipergravitacional, navegaríamos seguindo as coordenadas das espirais da Via Láctea e não, como pareceria mais lógico, em diagonal.

É claro que, no aperto da nave orbital, com aqueles bancos em anfiteatro e vários passageiros no mesmo andar, era impossível conversar sobre o trabalho. Assim, a maioria eu inclusive, preferia ler alguma coisa nos poucos minutos de vôo a gravidade zero. Todo mundo virou leitor em nosso grupo. Eu, pelo menos, era uma leitora sincera, inclusive de antiquilhas como “Os miseráveis” do Victor Hugo, que naquele momento lia.

Veza por outra, apertada entre Beng e Rotterdam, relanceava o olhar pelos outros presentes, e esbarrava com o rabo do olho da Valentina me fitando com insistência. Eu, hein?

Não partiríamos de imediato na roda espacial, de modo que tivemos o dia livre para espairecer. Até mesmo fazer compras.

Fazia tempo que eu não visitava a estação espacial, por isso procurei aproveitar ao máximo as horas livres. Caminhei por ruas estreitas, perdi-me por caminhos intrincados, revisei galerias de arte e até o célebre mirante do giroscópio, de onde se descortinavam os bastidores do direcionamento da estação.

Sim, porque a órbita não era geoestacionária e ultrapassava a velocidade de rotação da Terra. Na verdade, a estação passava por cada ponto a cada 13 horas, 54 minutos e 18 segundos, ou pelo menos é o que nos afirmavam. Assim, se passássemos sobre Londres e Greenwich às 10 horas, estaríamos por lá de novo às 23h. 54’ 18”.

- Oi, Vésper. Passeando?

Da amurada onde me encontrava, fitei a recém-chegada à minha direita. Valentina, evidentemente.

- Sim, que mais a fazer? Lembre-se, meu nome de viagem é Ester de Oliveira.

- Um nomezinho bem chatinho. Eu sei, mas não tem ninguém por perto.

- Bem, mas vamos tomar cuidado – voltei a espiar lá embaixo.

- Você é bem bonita, sabia? – assim dizendo ela tocou o meu braço direito, estendido no parapeito.

Voltei-me para ela.

- Como assim?

- Seus olhos... são como duas pérolas. Já lhe falaram sso, Vésper?

- Meu marido falava assim.

- Bom, mas ele morreu.

- É. Ele morreu. E você tem bastante tato...

- Desculpe, mas não quis magoar. Sinto por você não estar consolada ainda pela morte dele. Mas a vida continua, talvez eu possa consolá-la... se você deixar.

Tive um sobressalto.

- O que você quer dizer com isso?

- Ora, ora. Eu posso ser tão carinhosa quanto um homem. Por que você não experimenta algo diferente para variar?

Não podia acreditar no que estava ouvindo. Uma mulher estava me cantando!

- Deixa eu explicar uma coisa. Eu nunca gostei de mulher. Não sou chegada.

- Por que não experimenta... para variar?

- Fora de cogitação, Valentina.

E assim dizendo, fui me afastando.

- Se mudar de idéia, me avise!

O pior foi à noite. Bem entendido, na estação segue-se a hora da Terra; até porque o giro completo da roda se dá em cada 72 minutos, o que torna o “dia” mais curto (não confundir essa rotação com o movimento de translação em torno da Terra). Mas quando, na praça de alimentação, O Beng veio me dar a notícia... eu pulei.

- Que está dizendo?

- Ué, que você fica num dos quartos com a Valentina e eu no outro, com os rapazes...

- Fora de cogitação! Prefiro dormir na harpa daquele anjinho do repuxo!
- Mas, Vésper...
- Por que não me consultou? Quem falou a você que eu quero dormir com essa potranca?

Ele acendeu um cigarro, num gesto deliberado para se acalmar..

- Qual é o problema? Por que você não fica com ela?
- Prefiro não entrar em detalhes.
- Vamos resolver isso antes que ela chegue. Afinal, já fiz as reservas ...
ah, me traga uma boa vodca escocesa.

- Um chá gelado de morango. – pedi.

A garçonete se foi, e eu voltei à carga.

- Não me interessam as conveniências. Eu durmo com você e pronto.
- Comigo?
- Ora, vamos! Estamos em serviço e somos profissionais. Ou não somos?

- E Valentina?

- Dormirá com os outros dois. Espero que eles agüentem a parada.

Creio que eu fui a única a se satisfazer com a mudança. Valentina pareceu ficar injuriada, os outros dois, constrangidos, e Beng, esse ficou irritado. Mas o que mais eu podia fazer, ora bolas?

CAP III

O ARTEFATO

Tinham dado a ela o nome ridículo de Petúnia. O mesmo nome da namorada do Gaguinho. Mas era uma boa nave, dessas que podem transportar 50 passageiros e uma carga extra de autômatos, além de animais. Raramente, porém, tais viagens enchiam. Aquela tinha 28 passageiros, alguns acompanhados por robôs que porém viajavam à parte, para não danificarem as poltronas. As espaçomoças eram excepcionalmente bonitas e eu tive pena delas, por terem de agüentar a Valentina. Por outro lado, o serviço de cozinha era dos melhores, o que me alegrava, pois uma das coisas que eu mais gosto na vida é comer bem.

Assim, lá pelas tantas – ainda não havíamos varado a barreira do hiperespaço – dirigi-me ao restaurante de bordo, separada de meus companheiros de viagem, dada a pouca afinidade e a independência que eu gostava de manter. Eles que comessem quando quisessem, eu estava com fome naquela hora.

Quando adentrei o resplandecente refeitório, vi quanto era cedo: apenas quatro pessoas. Uma moça, num canto, que parecia mais interessada em ler; e numa única mesa, um casal gorducho de meia-idade e um sujeito muito velho e de bengala. Essa chamou a atenção: excessivamente vestido – até com chapéu e cachecol – de óculos escuros e movimentos caquéticos. Suas mãos tremiam ao movimentar os talheres; e só conseguia beber com canudinho. Coitado, pensei. Não quero ficar assim quando envelhecer.

- Sente aqui, minha filha. – disse o homem mais novo, com aparência de quinze anos mais velho do que eu. -Ainda temos um lugar vago.

Era chato recusar; e eu ocupei a última cadeira. Então ele se apresentou: Eduardo Pintoff, engenheiro, e sua esposa Florência. Depois ele se voltou para o homem mais velho:

- E esse é o meu pai, Doutor Laurêncio Pires Freire de Azevedo. É um grande sujeito!

(Ou pelo menos, pensei eu, tem um nome grande.)

Apresentei-me, é claro, como Ester de Oliveira, em viagem. Estava acostumada a fingir o que não sou. Apertei a mão de Laurêncio, senti como era trêmula, e ele gaguejou:

- É... um p-prazer conhece-la, do-dona Ester... é mu-muito bonita e... elegante, sim, é isso.

- Papai sempre galanteador! – riu-se Eduardo, sacudindo as flácidas bochechas.

Pedi um chá de premizonas com torradas ao patê de columbrada verde, e procurei manter uma conversação normal. Falou-se de quase tudo: explorações na Cabeça do Cavalo, teoria do desdobramento dimensional, estilos de talheres, a última moda norte-marciana, análise de clássicos da antiguidade como a Ilíada de Homero, criação de rãs antarianas, os poemas de Baldum Kutin e assim por diante.

Quando veio a sobremesa – pedi compota de pequi – o doutor, que passara o tempo me olhando de soslaio, gaguejou:

- V-você vai pa-para muito longe?

- Não... não creio... depende do que o senhor chama de longe.

- Corisco você acha longe?

- Não, é claro que não. Apenas 150 anos-luz...

- E Sombrio, é lo-longe pa-para você?

- Engoli de mau jeito e quase cuspi fora o doce. Engraçado, ele não gaguejara uma frase inteira! Bem, a gagueira é uma coisa psicológica. Olhei para os outros: estavam sérios, ocupados em degustar.

- Creio que é bem mais distante.

Valentina passou junto a nós e me tocou o ombro.

- Olá. Seus novos amigos?

Apresentei Valentina – aliás, Eleonor Garbo – e ela comentou.

- Vocês vão amanhã no circo?

Achei que ela estava ficando biruta.

- Circo? Aqui dentro, minha cara?

- Não, sem brincadeira. Há alguns artistas de circo a bordo e vão dar um espetáculo amanhã, às 15, hora galática padrão..

FLORENÇA – Nós iremos, sem dúvida. O capitão Fleischman nos avisou. Vai ter acrobacia, malabarismo e palhaços!

Um circo! Era só o que faltava! Mas talvez fosse divertido.

Naquela noite, no camarim de Beng (bem entendido, não tirávamos a roupa em presença mútua; usávamos o lavabo), já sentada sobre a cama, procurei levantar algumas questões que vinham me preocupando. O diretor já ligara seu perturbador portátil de escuta (PPE) e podíamos falar à vontade.

- Eu pensava que iríamos numa astronave própria, porque uma nave de passageiros? Isso só vai incrementar a minha paranóia.

- Chamaria muita atenção se fôssemos numa nave oficial, teríamos que disfarçá-la, convencer a burocracia local...

- Quero ver na hora de voltarmos... Que tivermos que sair de Sombrio a toque de caixa...

- Nós vamos baldear três vezes. De Corisco passaremos para Antares e daí para Cosmorama, e aí num único salto o resto do caminho.

- O que é afinal de contas essa chapa que nós procuramos, Beng? Não será perigoso manipulá-la?

- Pelo que eu estou informado, pode-se tocar nela; não é quente nem radioativa.

- Mas de onde veio essa coisa, afinal, e qual é o seu tamanho?

- Tem cerca de 1,041m de altura e 0,892m de comprimento. A espessura é calculada em duas polegadas.

- E de onde veio?

- Segundo o relatório do Professor Gaspar, ela existe há bilhões de anos.

- O que? Isso é impossível! Um objeto artificial...

- Quem falou que é artificial, Joana?

- A coisa está ficando complicada, Beng. Por que razão você me disse que esse artefato é necessário à estabilidade do Cosmos?

- Veja bem: isso é coisa que você não pode comentar com ninguém. Nem com Valentina, nem com meus auxiliares...

- Ah! Ah! Ah! Vai dizer que não falou com eles?

- Se leva a coisa para este lado, talvez seja melhor eu não falar mais nada...

- Não me invoque, Beng. Se começou a falar, vai me falar tudo. Não vou arriscar minha pele sem saber com que estou lidando. Se eu me zangar, posso ser bastante desagradável e você sabe disso.

Ele deu uma risada meio nervosa.

- Você continua temperamental, pelo jeito. Depois, muito tempo sem homem...

Para mim isso foi a gota d'água. Pulei da cama, agarrei a primeira cadeira e mostrei-a a ele:

- Vai falar ou não?

Ele conservou uma calma irritante.

- Esse artefato não é o único que existe. Há vários espalhados pelo universo, flutuam no vácuo nas proximidades de grandes nuvens de gás e detritos cósmicos e são aparentemente imunes às atrações gravitacionais. Realizam uma lenta rotação em seu sentido do comprimento e são

atravessados por todas as formas de radiação. Parecem cristais opacos, mas é impossível corta-los, fundi-los, destruí-los. Resistem a qualquer análise química, física ou espectroscópica. Não se sabe do que são feitos; parecem vácuo sólido.

- Eu sempre leio revistas científicas e nunca vi nada a respeito...- assim dizendo, recoloquei a cadeira.

- É claro que não, Vésper! Isso é segredo de estado.

- Mas porque, homem? Por que fazem segredo disso?

- Simplesmente porque, na opinião de alguns, a manipulação desses objetos põe em risco o tecido espaço-temporal e pode abrir um rasgo no continuum, com o risco de trazer ameaças desconhecidas ao nosso universo.

- Homem, você quer dizer simplesmente que essas coisas são lacres dimensionais e que se um deles for roubado nós todos vamos para o bebeléu?

- Você sintetizou brilhantemente – foi a resposta irônica.

- E como pode estar flutuando há bilhões de anos, se naquela época, que se saiba, não havia vida no universo?

- Como eu disse, não são objetos artificiais.

- Você está querendo dizer que são divinos?

- Essa – ele escandiu cuidadosamente as palavras – é uma conclusão que nenhum de nossos cientistas ousou endossar.

- Ninguém assinou por baixo, mas é uma conclusão lógica. Jesus! Você quer que eu *mexa* com um objeto divino?

- Qual é o problema?

- Como qual é o problema?

- Você é católica, ainda que não praticante, conforme consta de sua fé-de-ofício na Cosmopol. Ora, os católicos não comungam, isto é, não recebem hóstias que crêem ser o corpo de Deus? Então porque você não pode tocar num objeto divino? Aliás, para quem crê em Deus, toda a matéria e energia não são divinas, ou seja, não são a Criação?

Calei-me. A grandiosidade daquilo tudo aniquilava meu espírito.

Comecei a ter medo da minha missão: algo me nunca meacontecera antes.

CAP. IV

O CIRCO

Após uma noite mal dormida, tomei o meu desjejum com meus companheiros e lá fomos assistir o espetáculo de circo. Eram oito pessoas que formavam a equipe; no grande palco oval haviam montado trapézios, uma corda bamba e objetos circenses.

Sentada num dos bancos estofados de magiplast, tendo Rotterdam à minha direita e Beng à esquerda, não acreditava que pudesse estar assistindo a um espetáculo circense, a bordo de uma nave de passageiros. Em todo caso, era verdade. A mestra de cerimônias, Rufina, de vermelho e com um casacão de pontas traseiras compridas, apareceu no centro do palco tão logo as luzes se acenderam e fez o habitual e meio ridículo cumprimento:

- Res-pei-tá-vel público! É com imenso prazer que o nosso Circo Espoleta vai se apresentar para este seleta auditório e blá-blá-blá...

Enquanto assim discursava, o préstito circense apareceu e se pôs a desfilarem em círculos, numa fila fechada por um ser estranho. Tennessee, que estava ao lado de Beng, comentou incrédulo:

- Mas é um suinóide de Cramélia! Nunca tinha visto um de perto!

- Eu não o tinha visto a bordo...- comentei.

- Alienígenas às vezes gostam de viajar à parte – explicou Beng.

Era um ET avantajado, com talvez dois metros e dez de altura, uma roupa escura com alamares e frisos dourados, botas marciais, que se movia num remelexo gaiato e tocava um bumbo com o maior espalhafato. Perto dele, a corista nem chamava atenção; e havia um palhaço, um mágico, um malabarista e, ao que parecia, duas trapezistas. Eu estava mais interessada no mágico, pois o resto me parecia pura rotina. Mas e o porco, o que faria além de tocar bumbo? Ou só faria isso?

Começou o espetáculo. As luzes avermelharam., criando um efeito cinematográfico. Os trapézios desceram do teto sendo posicionados a uns seis metros de altura. Por intermédio de umas escadas flexíveis colocadas no fundo do palco subiram as garotas trapezistas, descalças, e passaram para uma espécie de ponte metálica, chegando rapidamente aos dois trapézios. A Rufina deu o sinal e o espetáculo começou.

Eu me sentia entediada. Nunca gostei de picadeiro e dava graças a Deus por não haver nenhuma apresentação de algum pobre bicho cheio de truques aprendidos na base da tortura.

Correram diversos números. Cada um era intercalado por demonstrações acrobáticas da balisa. O palhaço fez várias palhaçadas absolutamente sem graça; o malabarista jogou os seus malabares, sem grande inspiração; as trapezistas, que trabalhavam bem, fizeram novo número, jogando-se uma nos braços da outra, ou trocando de trapézio em um salto duplo simultâneo com direito a pirueta em pleno ar; e o homem-porco apresentou alguns números insuportáveis com o seu bumbo barulhento. O mágico, ao que parece, ficara para o fim. Estava vestido de Mandrake mas podia ser o pai dele.

Lá pelas tantas, notei que algumas pessoas da platéia eu já conhecia. O velho caquético estava lá com seus parentes; e também a leitora do refeitório, chamada Lucy, uma garota ruiva e de rosto sem sal.

Foi anunciado o mágico Rocambole.

Ele atravessou as cortinas, com sua bengala e sua capa preta, acompanhado por sua balisa, tornada sua partner.

- Senhoras e senhores – disse ele, evitando, felizmente, aquele execrável “respeitável público” – nós vamos diminuir as luzes por uns momentos para criar o clima de mistério e logo em seguida, terão lugar cenas surpreendentes! Vamos lá!

A luz diminuiu até a penumbra. As conversas, que até no meu grupo estavam animadas, cessaram subitamente, e um círculo de luz roxa enquadrou o prestidigitador. Ele começou a executar números banais, tais como tirar coelhos e pombos da cartola, transformar jornais em flores e assim por diante. As palmas eram fracas, mas aí ele anunciou, orgulhoso, que a parte melhor ia começar. “Vamos aos grandes truques! Vou precisar do auxílio de alguém da platéia!”

Para minha surpresa, desprezando as pessoas que levantaram a mão (inclusive o idiota do Tenesse; eu jamais faria isso) ele chamou Beng. O meu chefe lá foi, e a partner puxou uma cadeira estofada de couro, convidando-o para sentar.

Beng sentou e o Rocambole recebeu da moça uma espécie de espelho oval, com cabo prateado. Ele ergueu o espelho e gritou: “Agora, blecaute total! Apaguem as luzes!”.

Uma fração de segundos antes que as luzes se apagassem, as coisas começaram a acontecer. Primeiro eu vi que correias automáticas se fechavam em torno dos braços e pernas de Beng, aprisionando-o inesperadamente. Levantei-me instintivamente, e da escuridão completa, há um instante estabelecida, surgiu um fecho de luz fortíssimo, que rodava. Minha longa experiência de mercenária auxiliou-me. Eu sabia o que tinha pela frente: uma metralhadora giratória hipnótica, aquele espelho.

- Não olhem direto para a luz! – falei aos meus companheiros – Peguem esse mágico!

Já buscava minha lanterna, porém algo surpreendente aconteceu. Enquanto Beng estupidamente gritava que o soltassem, alguém atirou uma bomba de luz sobre palco. De repente, pareceu que estávamos no Saara ao meio-dia em pleno verão: era luz demais. Espantada, olhei e vi o Dr. Azambuja, de pé e não parecendo nem um pouco senecto, empunhando a sua bengala como se fosse uma espada. Um instante depois, *era* uma espada: uma fina lâmina emergiu de sua ponta.

- Até que enfim eu o apanho, Trig! – gritou, aparentemente para o mágico.

Rotterdam e Tennessee correram para Beng, a fim de soltá-lo, enquanto Rocamble (ou Trig?), que puxara um bastão de dentro da roupa, e o Dr. Azambuja se enfrentavam. Aturdida, verifiquei que o monstrengo do bumbo subira num dos trapézios e agora manejava uma caixa inibidora de energia, tentando prendê-la ao cabo do trapézio. Quase todas as pessoas fugiram em pânico. Ao tentar interferir na briga, Fleischmann foi atingido no queixo por um chute de pé descalço, magistralmente desferido por uma das trapezistas, e tombou de uma vez. Tennessee conseguiu libertar Beng, mas a arma de Rotterdam falhou, por efeito do inibidor manejado pelo porcóide, e eles foram envolvidos pelas mulheres do circo, e a briga se generalizou. A garota chamada (ou cognominada) Lucy e o casal Pintoff atacaram Rufina e o malabarista. Valentina atacou o palhaço, que puxara uma espécie de bastão elétrico, e o duelo do mágico com o falso ancião prosseguia no estilo dos filmes de capa-e-espada. Enquanto meus olhos e meu cérebro de algum modo registravam as cenas dessa balbúrdia eu já subia pela escada e alcançava a ponte abaixo do teto, de onde pendiam os trapézios. Já havia compreendido que lá estavam dois grupos rivais, sendo mais numeroso o do circo; que ambos estavam atrás da gente mas provavelmente não esperavam se defrontar, e - detalhe importante: não seria possível fazer acordo com nenhum dos lados. Éramos três grupos em luta, numa situação absurda: cada grupo contra os outros dois. Isso se a tripulação da nave não interviesse na briga, como um quarto grupo, completando o pandemônio.

Mas eu pensava com rapidez. Sabia o que a criatura de Cramélia queria. O inibidor energético estava sendo fixado no trapézio; dada a natureza bamba deste objeto havia uma certa dificuldade. Quando aquele monstro completasse o seu trabalho, saltaria para o chão e entraria na luta. Considerando o seu tamanho, peso, musculatura, garras e dentes, as nossas armas, desativadas pela caixa de inibição, fariam muita falta. Calculando isso, procurei ser rápida, sem me importar se os meus companheiros estavam batendo ou apanhando.

Corri pela ponte metálica e , no momento em que o suinóide terminava de fixar o aparelho, eu me joguei no ar em sua direção.

- Geronimo! – gritei, ao mesmo tempo em que minha bota direita atingia o focinho de tomada do monstro, amassando-o e levando o seu portador a perder o equilíbrio, despencando para o palco. Afinal, 60 quilos em queda livre representam considerável energia cinética. Eu, porém, agarrara-me ao trapézio com firmeza.

O homem-porco caiu pesadamente ao chão. O palco já estava meio vazio: boa parte da briga se estendera pela platéia, por onde chegavam os estupefatos oficiais de bordo, só para entrar na surriada; já que as suas armas não funcionavam. O Dr. Azambuja abatera o mágico, mas o casal que passava por seu filho e sua nora (mais facilmente seriam seus pais) já não iria mais contar mentiras. Eu meti meu estilete na engrenagem da caixa, provocando-lhe uma pane, mas ninguém pareceu se dar conta disso. Quando eu procurei a minha pistola para abater o monstro, Valentina, lá em baixo, atacou-o com as mãos nuas.

Fiquei sem saber o que fazer. A luta que se seguiu foi vertiginosa e eu não podia fazer pontaria sem risco de atingir Valentina. Os outros não podiam ajudá-la, pois estavam levando a maior surra das mulheres do circo. Valentina atacou o monstro com golpes de caratê; ele quase não os sentiu e jogou a viking no chão e chutou-a. Quando tentou pisá-la ela se esquivou, pôs-se de pé num pulo, rodeou-o e, tirando vantagem de sua maior agilidade, atacou-o por trás com um pontapé no rim. O porcóide jogou o enorme braço para trás, pegando Valentina pela testa num golpe atordoante. Ela repeliu o ataque numa dupla cutelada com os dois braços e acertou um soco, de baixo para cima, no canino á mostra do adversário, quebrando-o; ele jogou sua mão sobre o ombro da mulher, rasgando-lhe roupa e carne com as garras. Valentina recuou, ofegante e com a dor visível em sua face, porém misturada com a raiva e determinação; ele porém avançou sobre ela e jogou-a no chão com novo golpe. Fascinada pela luta, eu já não me lembrava de atirar. O monstro esfregou as mãos e resfolegou, preparando-se para o golpe de misericórdia. Então Valentina se ergueu, com uma energia incrível, e deu um pulo de ninja com os pés apontando para cima, e nesse pulo rapidíssimo sua bota apanhou a carótida da fera, destroçando-a . O homem-porco caiu de bruços e de sua boca enorme o sangue escorreu com abundância.

Valentina cumprira, brilhantemente, o seu papel de assassina.

Retomei a ponte e desci a escada. Beng, Rotterdam e Tennessee, bastante danificados, juntaram-se a mim e a Valentina. Tinham escapado da briga, deixando os outros três grupos engalfinhados. Beng reassumira a chefia, apesar do olho roxo:

- Depressa! Por esse corredor!

Corremos e corremos, até chegar ao hangar. Constatando que não havia perigo imediato, Beng fez uma pausa para cumprimentar Valentina:

- Quero lhe dar os meus parabéns. Você foi grande. Você fez jus à sua fama! Sua coragem foi notável.

Rotterdam e Tennessee também a abraçaram, e diziam coisas assim:

ROTTERDAM – Você foi uma verdadeira heroína!

TENNESSEE – Foi uma façanha incrível! Aquele bicho não é fácil de matar! Você é espetacular, Valentina!

BENG – Valentina, você salvou a situação. Creio mesmo que você salvou a nossa missão.

A ninguém ocorreu que eu é que derrubara o monstro e inutilizara a sua arma, e já ia liquidá-lo com a minha, sem necessidade de uma luta tão dramática. A intervenção intempestiva de Valentina atrapalhara tudo, e quase nos pudera a perder. Ela tinha que fazer aquilo, tinha que mostrar que ela era a tal.

Mas eu sabia que não tinha sido bem assim.

CAP. V

A NAVE ESQUARTEJADA

Resolvi apressar as coisas. Se ficássemos nos salamaleques, fatalmente nos apanhariam.

- Beng, o que vamos fazer? Vai falar com o capitão Fleischman?

- Não sei se ele ainda está vivo, mas não temos nada com ele...

- Mas...

- Nem “mas” nem “meio mais”. Nossa missão é ultra-secreta e não quero ter que revelá-la ao capitão.

- Grande! Vamos passar o resto da viagem brincando de gato-e-rato?

- É claro que não, Vésper! Vamos pegar uma chalupa e pirar daqui!

Quase me engasguei ao responder:

- O que?!

Valentina me pegou pelo braço, com uma intimidade que eu não lhe dera:

- Você ouviu. Vamos azular daqui. A outra opção, a essa altura, seria tomar a Petúnia, mas o que faríamos com os tripulantes e os passageiros? Há crianças a bordo também.

Ela falando assim, parecia até uma pessoa sensata. Eu quase podia acreditar que ela se incomodava com a sorte dos inocentes, mas um raciocínio frio me dizia o contrário. Por isso respondi na ponta da língua:

- Vamos abandoná-los à própria sorte então? Nós representamos a Terra. Sabendo quem somos, o Capitão Fleischman terá de nos dar apoio e cobertura.

BENG – Sim, só que ele não sabe e nem pode saber.

ROTTERDAM – Ele que se vire, Vésper. Vamos sair daqui e o problema agora é dele. E tem que ser agora, antes que nos detenham.

Lembrei-me da xulezada que Fleischman recebera e tive pena dele, às voltas com aquela horda de ensandecidos

-Mas, gente... – ainda tentei ponderar.

- Basta, Vésper – Beng foi taxativo. – Cada segundo que perdermos pode ser fatal. Tennessee, chame as nossas bagagens.

Tennessee pôs-se então a digitar os códigos das cinco bagagens, que tivéramos o cuidado de inserir eletromagneticamente em cada lenço, caneta ou

calcinha, para que tudo se reunisse nas malas e viesse voando. As malas estavam equipadas com chaves universais, adaptáveis a qualquer fechadura normal, um segredo e um trufo da Cosmopol.

Eu era voto vencido, mas ainda me lembrei de perguntar à Valentina:

- Você sabe quem mais caiu naquela briga? Parece que o pseudo-velho liquidou o mágico. E o palhaço? Você não estava brigando com ele?

Ela fez um gesto de desprezo.

- Acredito que eu botei a cara dele para dentro. Não sei se já consegui endireitá-la.

Justamente o que eu gostaria de fazer com o Beng naquele momento. Mas eu estava ligada a uma missão e, pelo que parecia, era a mais importante da minha carreira de mercenária. Ou talvez a única importante. Calei-me, mortifiquei-me. Por mais que odiasse a decisão de Beng, restava-me obedecer, ou teria todos contra mim.

As cinco bagagens chegaram voando. Súbito dois autômatos de serviços apareceram ao longe, gesticulando e gritando “Parem, em nome do Capitão!”. Valentina varreu-os com feixes calóricos, sem esperar qualquer instrução. Tennessee, que era um bom técnico eletrônico, já nos acenava para uma nave salva-vidas que conseguira compatibilizar. Embarcamos rapidamente, enquanto eu pensava: destruimos propriedade particular, e Beng nem se importa.

Rotterdam e Tennessee começaram a digitar os comandos necessários. Passamos para a câmara de descompressão, e Rotterdam comandou a abertura da porta para o vácuo.

- Que faremos nesta nave? – perguntei, perplexa – Representamos o governo da Terra e vamos virar fugitivos?

- Cale-se! – disse Valentina – Já está me chateando com as suas reclamações!

- Quem falou com você? – respondi, aborrecida. – Estou falando com quem manda na missão.

- Vésper – atalhou Beng – o Gaspar está por perto e vai nos resgatar. *Agora* temos de ir em nave oficial.

Olhei-o, já quase em pânico.

- O que? Vamos ter que aturar aquele maluco de novo?

Tennessee, que, como eu disse, falava pouco, tratou de pilotar o bote, primeiro compatibilizando-o com a nave-patrolha do Prof. Gaspar, o nosso teórico. Tennessee ligou a tela de flutuação e localizou o sinal de Gaspar, da

nave Golem III. A linha de compatibilização gravítica foi surgindo na tela e eu, sentada ao lado, sentia-me fascinada com o trabalho do meu amigo.

Mas aí o Rotterdam veio nos chamar.

- Está acontecendo uma coisa dramática na Petúnia! Venham ver!

Na tela panorâmica assistimos, os cinco, a espantosa separação de uma parte da astronave. A aleta esquerda destacou-se em meio a uma fulguração branca e trêmula.

- Uma estase! – exclamou Beng, incrédulo – Aquela parte está passando para o hiperespaço!

- Não posso crer... – observou Valentina, demonstrando uma erudição que eu não lhe supunha. – Uma estase fracionada de alta precisão, com cálculo matemático infinitesimal. Algum gênio da Física está por lá, sem dúvida!

Mas as surpresas não haviam cessado. Logo, um fragmento que depois identificamos com a multibiblioteca de bordo, separou-se também numa estase mais grosseira e, como a porção anterior, perdeu-se no hiperespaço.

Fizemos uma reunião.

Beng estava preocupado:

- O que aconteceu significa que os nossos inimigos passaram à nossa frente. Um grupo e depois o outro, passaram para o hiperespaço mediante a cisão por estase de partes da nave. O resto...ficou. Se o sistema obturante de magiplast estiver funcionando bem, os ocupantes da Petúnia devem ter sobrevivido.

Evel Rotterdam acendeu um cigarro, hábito que eu detestava, e observou:

- Eu ainda não consegui entender claramente o que houve...

- Eu penso que entendi, Evel. De algum modo a nossa missão transpirou. Existe algum traidor, ou vários, na Cosmopol, e deram o serviço aos inimigos. Aquele circo, certamente, está a soldo de algum grupo político ou potência extraterrestre que se opõe ao governo da Federação. Quanto ao outro grupo... do homem da bengala... é a mesma coisa. Só que um grupo não devia saber da presença do outro.

- Queriam nos pegar, então. – falei.

- Isso mesmo, Vésper. Só que se esbarraram mutuamente e entraram em choque. Eu queria saber quem é esse homem da bengala! Ele é terrivelmente perigoso.

- Sim, Beng, mas veja bem – interrompeu Tennessee. – Eles estão mais bem aparelhados do que nós. A gente que não tinha como provocar estase separatista, e eles tiveram. Os dois grupos. Isso é assustador.

ROTTERDAM – Tennessee, você não vê que é porque o nosso patrão – como sempre, aliás – não quer gastar dinheiro? Esse é o mal de se trabalhar para o governo!

- O que nós faremos? – eu procurava ser prática

BENG- Nós teremos que recuperar o terreno perdido. Não precisamos mais fazer baldeações: iremos direto para o nosso destino. As falsas identidades morreram: vamos utilizar as de reserva para o caso de precisarmos.

- Há uma coisa que me preocupa... se o tal cristal translúcido de sei-lá-o-que dimensional não pode ser tirado de onde normalmente está, sob pena de desequilibrar a harmonia cósmica...

- E quem disse que isso já não está acontecendo, Vésper? O buraco negro de Arcturo está se expandindo há meses, em consequência disso.

Eu e Valentina tivemos reações semelhantes, fruto de nossa comum ignorância de fatos; pulamos, mas a viking tornou a frente:

- Você quer dizer que o universo já está se desintegrando na nossa presença?

- Calma, meninas, não entrem em pânico. Nós não sabemos até onde o processo irá; mas o fato é que duas espaçonaves foram tragadas por aquela singularidade. A chapa ficava a 500 anos-luz de distância, na nuvem Obi-Wan. Nós teremos de leva-la de volta, custe o que custar.

- Mas porque foi que a levaram, e como não puderam perceber o risco? – quis eu saber

- Coisas da política – desdenhou Rotterdam, jogando anéis de fumaça nojenta pela boca. – Provavelmente os sombrios querem mais poder...

- Não lhes posso revelar tudo – atalhos Beng – O que posso dizer é que Vichtis, o ser que devemos matar, é considerado extremamente perigoso para a segurança e a soberania dos povos galáticos. Manipular um abismo negro é tomar posse de um poder incomensurável, de meter medo.

- Nós o pegaremos, chefe – tranqüilizou Valentina.- Não é, Vésper? – e assim dizendo ela me cutucou com o cotovelo.

Não lhe respondi.

CAP.VI

A PESTE ESPACIAL

Horas depois eu me encontrava na Golem III. Era uma astronave assustadora, cujo casco possuía uma infinidade de granulações, sombras e ângulos sinistros. Era uma geometria de Lovecraft, tétrica e desesperante. Quando entramos na sala de recepção, contígua ao hangar, o Prof. Gaspar Murdoch, com sua bata branca, veio nos cumprimentar. Mas antes que ele falasse uma só palavra o Beng deu um pulo e gritou intempestivamente:

- Por todas as supernovas! O que faz essa criança aqui?

Referia-se a uma garota de uns dez anos, de cara atrevida, nariz arrebitado, vestida como um moleque. Gaspar estava também com quatro assistentes, dois de cada sexo. A menina, espicaçada pela exclamação de Beng, abraçou-se defensivamente ao cientista, que respondeu indignado:

- Ela é a minha neta Licia, Beng. Qual é o problema?

Beng perdeu as estribeiras e gritou tão alto que talvez o tenham escutado na galáxia de Andrômeda:

- Vá para o raio que o parta! Eu não perguntei quem é a garota!
Perguntei o que faz ela aqui!

- Se quer mesmo saber, ela está comigo. E daí?

- E daí? E daí?

- Ela agora me acompanha, Beng. Eu volto a perguntar: qual é o problema?

Parecendo prestes a dar um ataque histérico, o chefe procurou o sofá mais próximo e sentou-se, tremendo. Lícia encarou-o ferozmente:

- Vovô , eu não gosto desse homem. Posso chutar as canelas dele, posso?

- Alto aí! – disse Beng, já se preparando para defender as canelas.

- Não se rebaixe a tanto, Lícia – disse Gaspar. – Ele não é digno de ser chutado por você.

Divertindo-me com a cena, observei uma vez aquele aloprado, a quem não via há mais de cinco anos. Ele e o Beng viviam brigando. O Gaspar era um tipo exótico, de cabeleira basta e desalinhada, um matagal que lhe emoldurava um crânio mesocéfalo e uma fisionomia enfezada, armada com

um narigão pontudo. Usava óculos anacrônicos e suas mãos iam constantemente para o bolso do avental.

Beng voltou à carga:

- Para que trouxe uma criança a bordo? Nós não estamos numa excursão!

- E qual é o problema de trazer uma criança?

- Porque eu não gosto de criança! – perdendo a paciência, Beng se levantou. – Homem, você não percebe o que está fazendo? Nós estamos numa missão secreta, secretíssima, e você traz uma criança! Você vai ser punido por fazer isso numa nave da Cosmopol...

- Agora sou eu quem diz alto aí! Essa nave é minha!

Dessa vez Beng se engasgou, e cuspiu as palavras seguintes:

- O que?

Foi a menina quem respondeu:

- Foi o que você ouviu, velho bobo. A nave é do vovô, e ninguém tasca.

- Eu comprei essa nave e ofereci os seus préstimos à Cosmopol – explicou o Mundoch. – Quer ver a documentação?

- Beng, acalme-se – falei, segurando o braço do meu chefe. – É melhor aceitar a situação. Estamos muito longe para recuar e não vamos poder jogar a menina no vácuo.

- Está vendo, Beng? – acrescentou Gaspar. – Até uma idiota como a Vésper aceitou a situação. Porque você não fica quieto?

- O que? – foi a minha vez de engasgar.

A garota veio para o meu lado.

- Eu sempre quis conhecer uma idiota de verdade. Me diga, Vésper: a sua amiga aí também é idiota?

- Minha filha – falou Valentina – se não quiser que eu faça uma idiotice com você, modere os seus modos.

Quando eu pude ficar a sós com o Rotterdam, pedi-lhe explicações.

- Aconteceram coisas demais, Evel. Preciso que me explique algumas coisas.

- Mas o que, Vésper? Você está a par de tudo...

- Não estou, não senhor. Ninguém me disse que o Gaspar estava acompanhando a gente.

- Uma reserva de segurança, Joana. Pense em como isso nos foi útil.

- Mas eu não sabia que um cientista como o Gaspar podia se apresentar para a missão em sua própria nave...

- Não é típico, eu sei, mas esse homem tem certas facilidades na Cosmopol. Você viu que ele trouxe os seus assistentes...

- E nós vamos imergir no hiperepaço?

- Em trinta minutos. Antes que as patrulhas solarianas nos descubram.

- Evel, isso é ridículo! Para que vamos fugir, se somos agentes do governo?

- É melhor que a tripulação da Petúnia nos tome a todos por piratas. Não podemos chamar atenção, percebe?

- Está bem. Vou tentar descansar, e me preparar para o que virá.

Mas não foi fácil descansar. Quando fui ao W.C., ao lavar as mãos vi que tinha companhia. Valentina entrara. Ao olhá-la vi que estava com fogo.

- Oi, querida. Ninguém lhe disse, mas você foi corajosa hoje.

- Obrigada – respondi secamente.

- Eu gosto de mulheres atrevidas, sabe?

Vi que ela passava, sem necessidade, o trinco na porta externa. Voltei-me - e ela procurou me abraçar.

No momento seguinte a viking batia com as costas na parede. Quando se refez do empurrão e da batida eu já pusera as mãos, fechadas em punhos, à minha frente, pulsos cruzados no ar, em posição de caratê.

-Não me toque. Fique longe de mim.

Ela riu sardonicamente.

- Você não seria páreo para mim. Já esqueceu o que eu fiz com o porco?

- Aqui você não tem espaço para dar pulos de ninja – respondi, com uma calma mortal.

- Tudo bem. Mas você também não tem espaço para fugir.

-Saia.

A sirene tocou. Sinal de entrada no hiperespaço... em cinco minutos.

Ela deu de ombros.

- É. Não vamos ter tempo. Fica para outra vez..

- Por que não me deixa em paz, Valentina? Não tenho nada com o seu modo de vida, mas essa não é a minha praia. Não tem o direito de me incomodar.

- Talvez você tenha razão. É pena que você seja tão antiquada. Mas não fale nada a Beng e aos outros; ninguém gosta de delatores, lembre-se.

Não respondi. Ela abriu a porta e saiu, e eu respirei fundo, aliviada. Nesse momento ouvi o seu grito: “AAAI!!”

Espantada, eu fui olhar. E lá estava a espoleta da Lícia com uma mangueira ligada a um tanque flutuante de uns 50 litros. Valentina recebera um jato fortíssimo na cara e estava encharcada.

- Mas que é isso? – perguntei, espantada.

Lícia estava firmíssima ao responder:

- Eu ouvi tudo com o meu bisbilhotômetro encostado na parede. E como ninguém em geral acredita no que eu falo, resolvi agir sozinha. Você deixa a Vésper em paz, ouviu?

Valentina ia avançar na garota, quando a segunda sirene avisou que já era hora de nos deitarmos em nossos alojamentos. Só restava correr!

Eu começava a simpatizar com aquela pestinha...

CAP VII

RUMO A SOMBRIO

Cintilante era uma anã amarela como o Sol, cercada por quatorze planetas e por uma nuvem periférica de cometas, asteróides e meteoros. O quarto planeta, Sombrio, era muito semelhante à Terra nas medições de hidrosfera, litosfera, atmosfera, magnetosfera, densidade e outros dados; seus satélites porém eram quatro, indo de quatrocentos a mil e quinhentos quilômetros de largura e provocando marés catastróficas, de modo que naquele mundo não existiam cidades litorâneas.

Chegar lá numa missão secreta de espionagem utilizando uma nave oficial da Cosmopol poderia ser suicídio, mas o caso já se encontrava contornado pelo Prof. Gaspar, pois a sua nave era um laboratório científico.

- Para todos os efeitos – disse-nos Gaspar – nós estamos investigando o processo de estocagem de energia no vácuo, a assimetria matéria/anti-matéria observada no decaimento dos mésons K-zero e o problema da flecha do tempo. Estou sendo claro?

- Como ameixa – respondi – Mas continue!

- Um momento! – berrou Beng – Está esquecendo uma coisa, Gaspar: quem manda aqui sou eu!

- Aqui nessa nave quem manda sou eu!

- Você pode ser o dono da nave, mas o líder da missão sou eu!

- Está muito bem. Quando sairmos ao ar livre você dará as suas ordens.

- Qualquer coisa eu “tasco” ele com o meu taco de beisebol, vovô – acrescentou a Lícia.

Beng fez um gesto de desalento.

- Eu ainda peço a minha aposentadoria se continuar esbarrando com esses conflitos de jurisdição da Cosmopol!

- Chefe – obtemperou o Tennessee, que era meio adulator – por que você não endossa a idéia do Gaspar? Ela até que é boa, e aí você ordena a todo mundo para fazer assim...

- Mas aí nós vamos ter que aprender alguma coisa dessa parafernália científica. Vamos dispor de algumas horas, eu penso.

- Meus assistentes darão uma aula rápida. De qualquer modo, não nos farão nenhum interrogatório. Se houver necessidade de falar à mídia, eu falo.

- Há uma coisa que eu gostaria de perguntar – interferi – Se bem entendi, o general Vichtis se apossou do artefato que nós vamos buscar. Mas esse artefato não é nosso, ou melhor, não é de ninguém. É de Deus. Quem deu jurisdição à Cosmopol ou à Terra para ir buscar o objeto?

- Uma pergunta bastante idiota – aqui o Gaspar, com sua mania de chamar os outros de idiotas (dizem que é por isso que ele tem o nariz torto), passou antipaticamente à frente do Beng. – Veja bem, Vésper: o artefato não é nosso, é um objeto cósmico, mas se nós não o pegarmos, e não o recolocarmos no lugar simplesmente vamos morrer. O governo da Federação reconheceu o problema e resolveu agir.

- E aí envia um bando de gatos pingados para resolver um assunto desses? Desculpe, Gaspar...

- Professor Gaspar, se faz o favor.

- Vá a merda! – a contragosto, cuspi um palavrão, coisa que normalmente eu não faço, mas aquele homem às vezes era insuportável – Eu quero saber porque o governo da Terra não falou diretamente com o de Sombrio, porque não alertou outras potências, porque não pressionou às claras. Porque nós podemos fracassar, bolas! E aí, como é que fica o universo?

- Eu suponho – interveio Beng – que existem suficientes argumentos burocráticos para responder às suas perguntas. Lembre-se que o Estado é um monstro, e segue lógica de monstro.

Graças a Deus, em nossa época as embaixadas assumiram o aspecto de pequenos estados, algumas das dimensões de antigos países da Europa, como São Mariño, Liechtenstein ou o Vaticano. Em Sombrio, a embaixada terrestre possuía espaçoporto e para nela baixarmos não precisávamos de prévios passaportes. O resto se veria depois.

Na opinião de Gaspar a Golem III devia ter passado despercebida aos serviços de contra-espionagem, por isso o caminho talvez estivesse livre, sem nenhum homem de bengala pela frente. Talvez. As minhas cicatrizes, porém, doíam, e isso não me deixava tranqüila.

Com esse sombrio estado de espírito, fui observar o planeta chamado Sombrio, pela janela panorâmico-telescópica da astronave. Naquele momento não havia ninguém e, desprezando assentos, aproximei-me do *magiplast* translúcido e contemplei o mundo que se aproximava. Sombras, sombras intermináveis cobriam grande parte daquele orbe, projetando-se de assustadoras cordilheiras pontiagudas como garras de bruxa; verdadeiras

muralhas corriam pelos continentes, sustentando platôs sinistros e freqüentemente formando medonhos anfiteatros. No meio de imensos planaltos apareciam gigantescas depressões circulares que pareciam se dirigir ao centro daquele planeta, e essas eram as zonas mais profundamente escuras, como se fossem aberturas para as regiões infernais. Eu detestaria ter de penetrar naqueles poços de hades, aquelas visões me davam calafrios de horror.

- Mas que legal!

Voltei-me. Lá estava Lícia, a nova versão do Biquinho. Ou do Denis. Ela estava extasiada com a visão do planeta.

Mesmo sendo uma empedernida mercenária, eu gostava de crianças. Aproximei-me dela:

- Querida, eu tenho que lhe agradecer pelo banho que você deu na viking...

Ela me sorriu.

- Eu gosto de você, Vésper. Você é muito boa. Qualquer coisa... é só me chamar – falou, com ares de fanfarrona.

- Mas tome cuidado. Não irrite a Valentina, ela é muito perigosa.

- Será que é mais do que eu?

- Você é uma criança!

- Não faça pouco de uma criança. Você não sabe do que sou capaz.

- Eu já vi um pouco... mas não seja temerária, por favor. Não entendo porque o Gaspar trouxe você numa viagem dessas...

- Ele não teve escolha. Eu disse a ele que queria vir e não houve meio de me convencer.

- Você é dura na queda, hein?

- Eu sou! Ele só conseguiria vir sem mim se me deixasse acorrentada numa árvore ou coisa parecida.

- Bem... o que você acha de Sombrio?

- Ih, é espetacular! Parece coisa de filme de terror! Estou louca para chegar lá!

Afaguei os cabelos sedosos da menina e ela olhou para mim, surpreendida. Talvez não estivesse acostumada com os afagos dos adultos.

- Você está com medo, Vésper?

- Não, Lícia. Se você quer saber, eu não tenho medo de nada.

- Eu sei que não. Você é Vésper. A sua fama é conhecida.

Passos de salto alto se ouviram por trás de nós. Uma mulher magérrima, que vivia quase permanentemente com as mãos nos bolsos do jaleco, aproximou-se de nós.

- Estão apreciando essa vista horrorosa?

Voltei-me para a gélida Maturina, uma das assistentes do Gaspar. Conhecia a peça e não me agradava nem um pouco da sua presença.

- É um planeta interessante... – observei fingindo indiferença.

- Horrroso. É o que é! Um planeta horroroso!

Falava do alto de seus 1,80m e em tom de superioridade. Eu não ligo muito para essas idiossincrassias, porém Lícia pulou:

- Que é isso, Maturina! É um planeta formidável, maravilhoso! Olhe só que abismos, que cumes pontiagudos! Já pensou que monstros habitam esses boqueirões?

Ela riu, sem tirar as mãos dos bolsos.

- É que você gosta do horrível. Mas para mim horrível é horrível.

- Então para que você veio?

- Para ganhar esse meu horrível salário, é claro!

Em meu faro íntimo eu me sentia apreensiva. Afinal, desde quando a Cosmopol admitia que crianças embarcassem em missões secretas e tomassem conhecimento de segredos de estado?

CAP VIII

O PESSIMISTA

Horas depois, no alojamento que havíamos recebido na embaixada, expus as minhas dúvidas ao Beng, numa reunião de nosso grupo original. Ele abanou a cabeça:

- Eu ainda não sei que complicações isso poderá nos trazer, mas já não podemos recuar. Esse professor é maluco.

TENESSEE- Eu já tinha percebido isso, chefe. E os assistentes dele são todos malucos!

- É por isso que os escolheu.

- Beng, como você explicou a presença da garota ao embaixador? – indaguei.

- Eu disse que ela de nada sabe. A equipe do Gaspar, conforme expliquei, está sendo usada como cortina de fumaça. A equipe da Cosmopol somos nós cinco, e nós é que iremos pegar o General Vichtis. Esse é um ponto muito importante: nós devemos matar esse sujeito!

Lá vem ele de novo, pensei, com essa história de matar o pobre do general...

ROTTERDAM - Quer dizer que nós vamos nos separar do Gaspar? Isso é bom demais para ser verdade! Eu quero distância dele e daquela pimentinha...

Recostada na confortável poltrona de magiplast vulcanizado, fiquei imaginando se naquele momento a Lícia não estaria ouvindo toda a nossa conversa, graças ao seu famoso bisbilhotômetro. Olhei para Valentina. Ela estava falando muito pouco. Provavelmente sentia falta de ação, que não acontecia desde o lance do circo.

Então, para minha surpresa, Valentina fez uma pergunta oportuna:

- Onde está o artefato?

Foi Beng, o bem-informado, quem respondeu:

- Na Baía da Morte Violenta, a trinta metros abaixo da linha d'água.

Pelo menos essa é a informação que eu tenho.

- Você ligou o PPE? – lembrei de perguntar.

- Liguei!

- A quanta distância fica isso? – Valentina tentava ser prática.

- A uns cinco mil quilômetros para noroeste, no continente conhecido como Gepxertohort, seja lá o que isso signifique. Vejam, prestem atenção!

Ele ligou o projetor de hologramas e logo o mundo de Sombrio apareceu flutuando no meio de nós, rotacionando, e Beng fez logo projetar-se a ampliação da região desejada. Essa ampliação, naturalmente, cobria outras partes do mundo. Visualizei bem o aspecto geográfico daquela costa, que me pareceu bem acidentada. Nisso tocaram a campainha.

Beng desligou o holograma e abriu a porta por controle remoto. Entrou Gaspar, seguido por outro dos seus assistentes, o Caveira. Atrás deles vinha a Lícia.

Aquilo era meio intempestivo. Beng não queria misturar o nosso grupo com o do professor, até porque a briga entre os dois já durava há uns trinta anos. O Professor Gaspar, com as mãos nos bolsos, entrou e foi dizendo:

- Com que então, estão fazendo uma reunião secreta? Eu quero saber de tudo!

- Esse sujeito ainda vai por tudo a perder... – segredou-me Rotterdam.

Beng procurou contornar a situação.

- Você sabe o que estamos procurando.

O Caveira intrometeu-se na conversa.

- Nós sabemos, é claro, Beng. Nós vamos todos morrer por causa desse artefato, é claro. Sei do que são capazes os caras de Sombrio. Eles vão nos torturar até a morte.

Seguiram-se alguns instantes de silêncio. Então um mosquito-lanterna passou zunindo perto do meu ouvido direito e executou algumas evoluções aéreas diante de nós, que aproveitamos o constrangimento para segui-lo com os olhos, vendo-o acender e apagar com as luzes multicoloridas de sua cauda. Vendo que ninguém falava, o Caveira pôs as mãos nos bolsos do jaleco, macaqueando seu chefe, e prosseguiu com a sua sinistrose:

- Depois que sairmos da embaixada tudo poderá nos acontecer. Esses sapos chifrudos provavelmente já nos identificaram e já se prepararam para nos tocar. Em breve estaremos todos mortos.

Circunvagou o aposento com o olhar e por um momento acompanhou o vôo do mosquito-lanterna. Ele era um homem funéreo, com o rosto chupado e ressecado, olhos fundos num crânio ossudo, magro como um cabo de vassoura e com aspecto de fome.

Escutei Valentina cochichar para Tennessee:

- Ele pelo menos vai estar morto em breve se continuar com essa conversa, porque eu o mato.

Beng finalmente resolveu falar, quebrar o encanto daquele urubu. Abriu a boca para falar, mas eu jamais saberei o que ele ia dizer, porque jamais o

disse. Antes que suas cordas vocais articulassem a primeira sílaba ouviu-se um ruído cuja onomatopéia poderia ser “PLAFT!”, e qualquer coisa se espatifou no chão, golpeada em cheio pelo célebre bastão de beisebol de Lícia.

- Peguei! – gritou a pestinha, pulando de satisfação.

Era o infeliz mosquito-lanterna. Era estranho, um inseto fazer barulho de troço quebrado. O Professor Gaspar adiantou-se, abaixou-se sobre o joelho direito e pegou o que restava da coisa:

- Isso é um aparelho transmissor! Alguém estava nos espionando!

O CAVEIRA: - É como eu disse. Eles vão nos matar, a todos nós.

Eu corri para a janela, galguei-a e me vi numa platibanda de pedra britada, já segurando minha arma de chama plásmica. Um vulto de capa e cartola já se esgueirava entre os cactos que formavam um bosque no jardim. Corri o mais que pude, contornei o tanque de seláquios e cerquei-o em frente ao bambuzal, por onde seria mais difícil fugir. Ele se voltou para mim, apontando-me a bengala.

- Você! - exclamei.

Ele disparou um jato da bengala sobre mim. Só tive tempo de responder ao fogo: nossas descargas energéticas se chocaram. Eu fui lançada ao chão e quando me ergui, ele sumira entre os bambus, depois de abrir caminho com a arma. Corri até lá. Havia fragmentos queimados de ultralã, certamente de seu fraque. Eu não tinha dúvidas: o homem de bengala, o falso velho da Petúnia, nosso mortífero inimigo, estava de volta.

Valentina veio correndo e, ultrapassando-me, enfiou-se entre os bambuzais. Eu sabia que meus companheiros já haviam acionado a defesa da embaixada, por isso hesitei em me meter naquele aranzel. Também me assaltou a idéia de sofrer um novo assédio sexual. O negócio era sobrevoar o bosque e tentar pegar o sujeito na saída; eu me lembrava de um a casinha onde ficavam guardadas as aeromotocicletas. Corri naquela direção; ao chegar lá, porém, havia um guarda sentado, lendo uma revista, creio que de palavras cruzadas. Ele se levantou sobressaltado:

- O que você quer?

- Tenho que pegar um assassino que entrou no bambuzal! Dá licença!

Fui pegando uma das motocicletas; mas ele me alcançou e me segurou:

- Parada aí, dona! Isso aqui só com autorização!

- Mas é uma emergência!

- Sinto muito, mas nem sei quem é a senhora!

- Permita que me apresente. Eu sou Vésper! – e assim dizendo dei-lhe uma cutelada no queixo, atirando-o longe, subi na motocicleta voadora e levantei vôo. Mas perdera preciosos segundos e na minha profissão isso pode ser o suficiente para determinar o fracasso.

Sobrevoei o bosque. Só o que pude ver, à distancia, foi um iate voador afastando-se a toda velocidade. Dirigi a minha pistola radascópica sobre o bambuzal e determinei a presença de meia dúzia de seres humanos e quatro cães, mas não havia nada semelhante a uma capa ou uma bengala. Concluí que o Dr. Azambuja não se encontrava mais no terreno da embaixada.

Dirigi-me para uma das pistas de pouso. Rotterdam e o Caveira me avistaram e aproximaram-se correndo. Quando me alcançaram eu perguntei ao que chegara primeiro:

- E aí, Caveira? Pegaram alguém?

- O meu nome é Paulo Eduardo, já disse! Não encontramos ninguém, e você?

Contei-lhes o que tinha acontecido.

- Eu sabia que não o pegaríamos – comentou o Caveira. – Esse caso é azarento. Não creio que nos reste muito tempo de vida.

CAP IX

RELATÓRIOS SÃO INDIGESTOS

Spik Movila soltou uma baforada nojenta do seu cachimbo de ferro e, fitando-nos ferozmente de sua escrivaninha, encarou Beng:

- Presumo que o senhor possa me dar uma explicação razoável.

Nós dez ocupávamos umas cadeiras antiquadas e desconfortáveis em semi-anfiteatro de fileira dupla diante da mesa do embaixador cujos auxiliares sentavam, um à sua esquerda, o outro à direita. Beng, seguro de sua posição de diretor da Cosmopol, encarou o romeno-estadunidense:

- Como assim, senhor embaixador? Houve uma espantosa e ilegal penetração nos terrenos da embaixada e os intrusos conseguiram fugir, apesar da guarda robótica...

- Os robôs foram desativados por uma influencia magnética poderosa que supõe uma arma de tecnologia avançada, dessas que têm vida útil muito curta e já são feitas para utilizações específicas.

- Imagino – disse o Prof. Gaspar – que isto poderia ser evitado se também houvesse guardas humanos.

- Guardas humanos! Isso é obsoleto! Hoje em dia tudo tem que ser informatizado!

- É claro – o Prof. Gaspar foi ferino. – Que tal um robô no seu lugar de embaixador, então?

- Exijo respeito, senhor!

- Devo lembrar, senhor embaixador, que nós representamos a Cosmopol e que seu papel é colaborar conosco. Se eu mexer alguns pauzinhos o senhor é removido!

Spik se ergueu, mas deve ter refletido que ele e seus constrangidos auxiliares encontravam-se em inferioridade numérica, por isso voltou a se sentar.

- Farei um relatório sobre a sua atitude – atirou. – Mas além disso foi aberto um processo contra essa mulher aí... – e ele me apontou com o dedo.

Fiquei perplexa.

- Eu? O que quer dizer?

- A senhora agrediu um dos nossos funcionários e ele formalizou queixa.

Beng se ergueu, já perdendo a calma:

- Oh, pare com isso, embaixador. Agora o senhor vai me permitir falar alguns segundos sem interrupção. Até porque, eu sou diretor executivo da Cosmopol e o senhor vai ter que me ouvir.

- Então fale.

- Pois muito bem. Primeiramente, ao convocar esta reunião o senhor atropelou os critérios que eu vinha seguindo, pois em princípio a equipe do Professor Gaspar teria de ficar separada da minha para que a sua condição de cortina de fumaça fosse preservada.

- Até porque há uma criança no meio, o que vem a ser uma irregularidade sem precedentes!

- Sem interrupções, como eu falei, embaixador!

O outro se calou. Beng prosseguiu, raivoso:

- Assim sendo, e para isso eu liguei o PPE, nada disso pode transpirar lá fora. A equipe que carrega o segredo de estado somos só eu, Rotterdam, Tennessee, Valentina e Vésper. Os outros não sabem de nada e se encontram em missão científica. Fui claro? Quanto à queixa contra Vésper, archive-a. Ela agiu no cumprimento do dever e se não fosse o seu empregado ter estorvado, ela poderia ter capturado o nosso desconhecido inimigo.

- Desconhecido, não – interrompeu, inesperadamente, Ataliba Yezzi.

- Hein?

- Isso mesmo, Beng. Você se esquece que eu sou a maior memória da Cosmopol. Pesquei na minha memória e confirmei com pesquisa eletrônica. Esse tal homem de bengala tem todo o aspecto de ser um velho conhecido nosso, Torquato Valongo, natural da Sicília e membro ativo da sociedade secular conhecida como “La Mano Nera”.

- Um mafioso! – exclamou o Caveira. – Agora que sei que vamos morrer mesmo!

A pedido de Beng, Ataliba pôs-se a imprimir um relatório sobre Torquato, o “Bengala”, como era conhecido. Logo, logo, a impressora do *laptop* do mochilão que estava sempre nas costas do Yezzi (dizem que essa mochila era à prova de balas) informou que Torquato Valongo já havia assassinado a sangue frio 24 agentes da Cosmopol e 17 mercenários.

O CAVEIRA – É o que estou dizendo! Nós vamos todos...

Não terminou, porque Beng arrancou o relatório da impressora e meteu-lhe pela boca a dentro.

- Imprima de novo! – gritou para Ataliba.

O Caveira foi até o banheiro cuspir o relatório, ou regurgitá-lo, não sei, e o Beng, que já estava por aqui com aquilo tudo, rugiu:

- Embaixador, o senhor nos arranjará um transporte secreto para a Baía da Morte Violenta. Para cinco pessoas, entende? A equipe do Gaspar...

Gaspar – Se me permite...

- Se disser que é para chamá-lo de Professor Gaspar, eu lhe quebro a cara! Como eu dizia, embaixador, eu vou com a minha equipe. A equipe dele segue em veículo à parte, depois, e ficará de sobreaviso para me dar cobertura, como ele fez no espaço. Agora, enquanto a gente não parte, mantenha uma contínua vigilância nessa embaixada, não só com os robôs idiotas, mas também com guardas humanos. Eu estou sendo claro?

- Desta vez, sim – disse Spik, visivelmente mortificado.

CAP X

OS ESPÍRITOS DA GALÁXIA

Sair à superfície daquele planeta escuro, de albedo baixíssimo, não era experiência agradável. Tínhamos que usar uma cabinamóvel – isto é, um veículo anfíbio, alado, trepador, e pau-para-toda-obra, comum naquele planeta e utilizado por viajantes e excursionistas; por si só não era coisa que chamasse atenção. Enquanto esperávamos que Beng liberasse a nossa saída, resolvi dar um passeio inquisitório por aqueles esquisitos campos que circundavam o complexo arquitetônico da embaixada da Federação Terrestre. Munida de alguns equipamentos, numa ensolarada manhã de segunda-feira (no calendário terrestre, é claro, que continuávamos seguindo), dirigi-me para aquele esdrúxulo bambuzal onde se escapara o Bengala.

Duas figuras me alcançaram. Licia e Ornela Santangelo, esta última a figura mística do quarteto que acompanhava o Professor Gaspar (quinteto, se computada a pestinha).

- Está procurando alguma coisa, Vésper? Eu creio que pode ser uma boa ocasião.

- Como assim? – voltei-me para Ornela, uma mulher de longos cabelos castanhos e que não sorria.

- Esta noite eu vi muitas estrelas cadentes. Um sinal de que os espíritos cósmicos estão em grande atividade. Nós podemos aproveitar a energia positiva deles.

Licia, que pegara a minha mão, segredou-me ao ouvido:

- Não ligue, Vésper. Ela é maluca assim mesmo.

- Eu sei disso há anos – respondi, também sussurrando.

A italiana, que caminhava a nossa frente, não nos escutou, mas insistiu na pergunta:

- E então, Vésper? O que está procurando?

- Quem sabe o Bengala deixou cair alguma coisa? Ninguém pensou nisso.

- Pois vamos verificar. E tomara que os espíritos da Galáxia nos ajudem!

Não eram bambus terrestres, bem entendido. A variedade sombriana era igualmente dura, e daria um excelente palmito, mas sua cor era rosada, ou em alguns casos, amarronada. Muitas outras gramíneas e trepadeiras cresciam em meio àquele matagal de bambus, mas a iluminada do grupo foi empurrando, abrindo caminho com os dois braços. A certa altura, um dos caniços veio na

minha cara e eu esbravejei, enquanto Lícia sugeriu que fôssemos buscar um facão de mato.

- Nem por sombras – respondeu a Santangelo. – Tira todo o romantismo!

- Quem quer ser romântica agora? Eu quero ser prática! – gritou Lícia, furiosa.

- Schiu, pirralha! Os espíritos galácticos podem não gostar do seu mau humor!

- Você acha mesmo – falei, eu própria já meio irritada – que esses espíritos não têm mais o que fazer lá nos espaços cósmicos para virem bisbilhotar a nossa conversa?

- Nunca se sabe. Uma das correntes de espíritos passa perto desse planeta e eles podem estar de sentinela.

- Ufa - eu me sentia cansada do trabalho e das pessoas com quem tinha que lidar.

Mas procurava observar à nossa volta. Localizamos os sinais deixados pelo mafioso e fomos seguindo a sua pista.

Não era tarefa das mais fáceis já que, no meio de todo aquele mato, até cactáceas espetantes a gente encontrava. Licia, maravilhada, ajudava a empurrar os bambus e ofereceu-nos balas de alcacuz – só ela se lembraria disso naquela hora!

- Vamos, gênios planetários, ajudem!- murmurou Ornela.

- Gênios planetários? – zombei. – Não eram os espíritos galácticos?

- Nós temos que pedir ajuda também aos gênios planetários, que estão mais perto.

- Você tem certeza? Pode me explicar o que é que eles fazem nesse bambuzal?

- Os espíritos da natureza estão em toda parte. Por aqui existem fadas, gnomos, sílfides, gênios, ondinas...

- Ui! – falei, porque uma droga de bambu empurrado por Ornela me resvalara na cara.

- Ei, vejam! – Licia se abaixou e revirou o capim cor-de-rosa.

- Que foi, menina?

- Um medalhão. Ora vejam!

Ela me entregou e eu examinei-o, interessada. Era um baixo-relevo de bronze, um disco redondo de 12 centímetros de diâmetro e a figura de um mágico de máscara e bengala.

Fiquei na mesma, e foi a iluminada quem esclareceu o assunto:

- Tuxedo Mask.

- Quem?

- Endymion, ou Tuxedo Mask. O namorado de Sailor Moon, da antiga lenda.

- E que significa isso?

- Ele é o símbolo da bengala do poder. É natural que o Bengala use essa medalha.

- É, eu já ouvi falar desse cara.

- Mas tem qualquer coisa errada, Vésper. O Tuxedo Mask é um personagem bom, e o Bengala...

- Ele se julga bom – opinou Licia.

- Espere... vejam o outro lado.

Virei o outro lado, e lá estava a figura ominosa da mão negra.

- “La mano nera”... – comentou Ornela, segurando a medalha.

- Parabéns, Lícia – falei, beijando a face da minha amiguinha. – Você obteve a confirmação de que nosso inimigo é realmente o Bengala, o mafioso.

- É mesmo, Vésper? Isso aí prova?

- É claro, meu anjo. Não está vendo? Torquato é um membro da Mão Negra, que é um dos braços da Máfia.

- Esperem! Não vão abrir o medalhão?

- O que?

- Há um segredo de roldanas aqui no perímetro, Vésper! Temos que abrir esse troço!

Bela mercenária eu era! Recebendo lições de uma menina de dez anos. Ela tinha razão. Licia pegou o medalhão e em habilidosa digitação identificou o segredo e abriu o objeto.

Meu Deus, pensei. Temos aqui uma arrombadorazinha!

Separaram-se os dois lados da medalha, unidos apenas por um pino. Dentro estava um pergaminho repleto de sinais cabalísticos, e um retrato.

- Investigaremos isso – falei, fechando o objeto.

- Não falei que os espíritos da Galáxia iam nos ajudar?

Preciso dizer de quem foi esta última observação?

Abaixo do pergaminho vinha uma face de mulher: oriental, jovem, cabelos negros emoldurando uma fria e misteriosa beleza.

CAP. XI

VALENTINA EM AÇÃO

A maquiagem me transformara numa velha de cabelos brancos - não caquética como o disfarce de Valongo, o que limitaria desnecessariamente os meus movimentos, mas de qualquer forma eu ficara irreconhecível. Valentina virara uma dodivanas psicodélica, com pinturas no rosto. Seria a minha neta, imaginem. Eu teria que mostrar descontentamento por ter uma neta daquelas. Beng era meu irmão, Tennessee meu primo, Rotterdam meu filho e pai da Valentina. E todo mundo com nome falso. Eu detestava aquelas palhaçadas, mas fazer o que?

A incursão em terreno alienígena era perigosíssima. Oficialmente estávamos em paz e muitos seres humanos circulavam livremente pelo planeta dos sombrianos. Retirar o artefato, porém, envolvia enorme risco de vida. Deveríamos nos aproveitar da ignorância em que estavam aqueles sapos a respeito do assunto; seu governo certamente escondia o caso do povo. Era essa a evidência que possuíamos.

Seguíamos portanto pela Grande Estrada-Tronco Norte-Sul de Tupôtapotapik, e em M'puiftarpt atravessaríamos o Canal das Sombras Ardentes, para chegar a Gepxertohort. Eu me sentia triste e saudosa. Teria de bom grado trocado a Valentina pela Licia naquela jornada! Mas tivera que me despedir de Licia e agüentar a presença da viking.

Sentada ao meu lado, no banco de trás, ela já me dera uma cotovelada, como a lembrar-me que não desistiria de seu intento.

Nós saíramos na calada da noite, iluminada por satélites mais próximos da litosfera que a lua terrestre, e que desenhavam sombras medonhas com seus recortes de negras escarpas, de dentes pontiagudos e altíssimos em proporção com o raio de pequenos orbes. Era tudo muito terrível e Beng, sempre querendo absorver para si as funções principais, insistia em pilotar, e nós seguíamos agora voando – entre apavorantes paredes negras de ancestrais e fantasmagóricos canhões. Lendas primitivas diziam que aquele era o planeta do centro do universo, isto é, que ele constituía o centro do átomo primevo, antes de se dar o Big Bang, há tantos éons. Daí, conforme a explicação de Ataliba Yezzi, nosso gênio ambulante, uma seita dos habitantes de Sombrio defendia a posse do artefato divino que faria a glória do planeta ancestral ser

reconhecida no universo. Eu, que nem sequer acreditava no Big Bang, não ligava a mínima para lendas e pretensões tão absurdas. Uma idéia, porém, despertou no fundo de minha mente, trazendo-me um pouco de inquietação: que sucedera com a equipe rival do circo, que não dera mais sinal de vida? Desfalcada do homem-porco e do mágico (que aparentemente fora morto pelo Bengala) teria desistido?

A aparelhagem microeletrônica que utilizávamos devia ser o suficiente para despistar eventuais perseguidores ou rastreadores. Beng e Rotterdam afirmavam que nós possuíamos a última das últimas das gerações. Nos últimos tempos, porém, era uma confusão de aparelhos de escuta, contra-escuta, anulação de escuta, anulador de anulador, contra-anulador de anulador de anulações, contra-contra, anti-rastreador, perturbador de anti-rastreador, contra-perturbador, anti-contra perturbador e por aí afora, "ad infinitum", que nós nunca podíamos ter a certeza absoluta de estar a salvo de quem nos vigiasse.

Estavam nesse pé os meus devaneios quando Valentina observou:

- Estão vendo aquele bando de balões voadores? Pois uma das sombras que eles lançam nos rochedos não é deles.

Procurei observar, acionando a transparência do teto, já que o fato se dava à nossa direita e eu estava à esquerda da viking. Comandei a visão telescópico-cibernética do magiplast e de fato, uma das sombras vertiginosas parecia possuir umas arestas que nenhum balão possuiria.

Tennessee disse uma praga e Valentina ligou seu filmador.

- Não pode haver mais de duas pessoas nesse veículo, a não ser que sejam anões - sentenciou.

- Não podemos fazer nada - observou Beng. - Pode ser uma patrulha das forças locais, e evidentemente eles têm o direito de patrulhar seu próprio planeta e de nos investigar. E mesmo que sejam visitantes como nós, também têm direito ao espaço aéreo.

Rotterdam - Então o que vamos fazer, chefe?

- Eu digo o que vamos fazer, e para o inferno com as regras! - rosnou Valentina. - Eu sei do que é capaz uma revoada de balões voadores e ninguém poderá nos acusar de nada!

- Espere! - disse Beng. - O que você pretende? Eu proíbo que coloque a nossa missão em risco!

Valentina já abrira a janela e direcionava um apito para o bando de gigantescos pássaros, dezenas de metros acima.

- Ultra-sons, chefe. Não se preocupe, isso oficialmente não é uma arma. Eles não nos seguirão!

Isso era verdade! Os ultra-sons podiam lançar o pânico naqueles e em outros pássaros daquele mundo. Era um mundo mais leve, mais oxigenado, onde as aves voavam mais alto; mas não eram imunes aos truques maldosos dos seres humanos.

Eu vi o que aconteceu. Vi a nave em forma de ave estufada ser lançada contra as rochas e explodir, caindo pesadamente e espatifando-se lá embaixo.

Esperava que Beng se mostrasse indignado diante daquele assassinio. Mas o que escutei foi:

- Bom trabalho, garota. Livrou-nos de alguns dos nossos inimigos!
Maldita profissão! Para ser boa, você tem que ser má!

CAP. XII

SURPRESA!

Após algumas horas de travessia vertiginosa, fomos nos aproximando da Baía da Morte Violenta, o que o hologlobo cartesiano nos mostrava claramente pela movimentação da seta escarlate. Afastamo-nos das paredes rochosas e sobrevoávamos agora o Golfo Pérfido com suas águas escuras, repletas de algas de melanina.

Meu "mano" Beng soltou um longo suspiro e observou:

- Viram? Já estávamos chegando, e são e salvos! Esse caso já está no papo!

Não sei porque ele foi abrir aquela boca agourenta. Foi nesse exato momento que o torpedo prateado de fogo em cascata atravessou as nuvens acima de nós e veio sobre nosso veículo, com uma velocidade quase inescapável, infugível. Quando vi aquele troço, fiz a única coisa possível naquela hora, saquei minhas armas e disparei através do teto, acertando com rajadas energéticas o projétil caçador que nos vinha em cima. Beng tentava desviar, mas eu sabia que o míssil nos alcançaria, que possuía um nariz inteligente que nos seguiria até mesmo se mergulhássemos no oceano. Só restava portanto agredir o projétil, com reflexos rápidos.

Não sei o que se passa na "mente" de um torpedo inteligente ao levar uma bordoadada dupla como aquela. Imagino que fique atordoado. De qualquer forma, ele bamboleou e desviou-se do seu trajeto certo, passou zunindo por nós fazendo-nos rodar em cambalhotas, e ao tentar nos seguir acabou por se afastar, subindo mais que o aerocarro. Então Valentina empurrou Beng, tomou a direção e exclamou: - Deixa comigo! Eu conheço o jeito de enganar essa coisa!

Pombas! Essa viking introneta vai acabar nos ferrando!

Isso eu só pensei, não cheguei a falar. O fato é que a Valentina pilotava como um autêntico Xanbrega Plus¹ e nos momentos seguintes eu, o Tennessee, o Rotterdam e o Beng caíamos uns por cima dos outros e afinal tiramos um fino do mar, só que o já danificado míssil caçador não pôde imitar a manobra da cabinomóvel e mergulhou no oceano, explodindo lá por baixo. A onda assim lançada penetrou pelos buracos que eu fizera com a minha arma e encharcou a gente. Ossos do ofício!

Seguiram-se os costumeiros cumprimentos daqueles três cretinos à heroína do grupo, a Valentina. Mais uma vez, a viking sebosa colocava a todos nós em risco mortal com a sua temeridade e só recebia parabéns em troca. Só que dessa vez a coisa foi ainda pior: o Beng olhou para mim com ar de raiva e trovejou:

- Veja só o prejuízo que você deu à Cosmopol! Nós vamos ter que indenizar a embaixada por esses furos na estrutura da cabinomóvel!

Se você nunca teve coragem de xingar a família do seu chefe até a décima-quinta geração, console-se comigo. O fato é que, quando senti que já forçara muito as minhas cordas vocais, resolvi abrir o armário de bordo para tomar um café quente. Fui para os fundos da nave, confiante em que os objetos que levávamos continuavam em boa ordem graças à magnetização dos mesmos. Abri então a porta do armário de copa, e um corpo de trinta quilos caiu-me em cima, de chofre.

- Caramba... Por que vocês tinham que dar tanta pirueta? Eu fiquei tonta!

- Licia!

Foi um Deus-nos-acuda a bordo. Primeiro eu afastei de cima de mim a pestinha, que ainda por cima viera com um vaso de alabastro, que abraçara em sua tontura. Licia se ergueu e foi rodeada pelos outros, menos Beng, que continuava pilotando. Todos falavam ao mesmo tempo, até que Beng impôs silêncio e comandou o interrogatório:

- Que história é essa, menina? Por que se meteu em nossa viagem?

- Eu quis vir - respondeu a pequena clandestina com atrevimento. - Estava preocupada com Vésper.

- Comigo, Licia? Como assim?

Tennessee - Por que com Vésper? Que tem ela de mais?

- Com quem mais eu iria me preocupar, moço? - e o desdém da garota pelos outros quatro membros da expedição foi assim expresso, de maneira arrasadora.

Tive a impressão de que a presença de Valentina a bordo contribuía pra a decisão da garota, mas não era algo que eu pudesse comentar. Alisei os lindos cabelos de Licia e observei com doçura:

- Meu amor... mas que loucura você fez! E o seu avô? Você fez isso sem o consentimento dele!

- É claro! Fiz isso às escondidas do vovô!

- E ninguém descobriu a sua fuga?

- Ah, sim, uma pessoa descobriu... a Maturina.

- Quem? - indagou Valentina.

- Eu disse a Maturina. Aquela altona, que vive dizendo que isso aqui é horrível, que aquilo ali é horroroso, que aqueloutro acolá é medonho...ai, que mulher antipática.

Tennessee - Nós também achamos. Mas se ela viu você, não a delatou ao Gaspar?

- Suponho que já deve ter feito.

- Como supõe? Não estou entendendo, Licia... - falei.

- Bem, porque a essa altura já devem ter tirado as cordas e a mordaça dela... e aí, é claro que ela me denunciou.

Não pude conter o meu espanto:

- Mas, Licia! Como é que você pôde fazer isso? Você é uma menina de dez anos!

- Ah, mas eu não estava sozinha, Vésper. Eu estava com o meu velho e fiel taco de beisebol.

Quando a compreensão daquelas palavras foi devidamente absorvida pelos nossos cérebros, ouvimos a voz de Valentina, agora com um novo tom de respeito para com a menina:

- *Pôrra*, Licia. Você não sabe que um bastão de beisebol pode matar? Um traumatismo craniano...

- Ah, eu sei. Só que eu *ainda* não tenho força para matar. Acho que só quando tiver 13 ou 14 anos...

- Não quero estar perto de você daqui a três anos - comentou Rotterdam, tristemente.

(1) Herói de holodesenhos do tempo da personagem, conhecido por suas barbeiragens voadoras (N. do A.)

CAP XIII

ENCONTRO EM UPQUTRID

Nós não estávamos numa simples excursão de fim-de-semana e portanto tivemos que nos adaptar rapidamente à nova situação. Quiséssemos ou não, Licia estava agora conosco.

Eu sentia aguçar-se em mim o instinto maternal. A saudade de Alfie, meu marido, ainda me acicatava; Andréia e Felipe me faziam muita falta. Aquela garotinha, com todo o seu espoletismo, vinha sendo um bálsamo para quem era obrigada a aturar os Bengs, as Valentinas e os Caveiras da vida.

Tem horas que eu não pareço uma mercenária. Eu deveria ser dura, de coração frio como uma pedra de gelo; mas não consigo.

De qualquer forma, Rotterdam lembrou-se finalmente que era um agente secreto e pôs-se a verificar os filmes para tentar descobrir alguma coisa sobre o foguete que nos fora lançado. Não demorou a obter uma resposta: a câmera quadro-a-quadro mostrou-nos, finalmente, o hediondo logotipo que ornava o míssil.

A mão negra.

Mafioso maldito, pensei. Senti-me sufocar, tal era a vontade de acertar contas com aquele canalha.

Hoje, que a minha cabeça mudou, eu já não pensaria assim. O mundo em que eu vivia, da espionagem, não era maniqueísta. Valongo e eu estávamos em campos opostos por questões circunstanciais. Ele poderia estar a serviço da Cosmopol e eu, da Mão Negra. Não me cabia julgar os outros quando eu própria já participara de tanto trabalho sujo.

O Tennessee, porém, resolveu se externar em voz alta:

- Ah, se eu pego esse sujeito! Vou quebrar-lhe a cara!

Pensei com meus botões: o Tennessee? Ah, eu conhecia a peça. E como mercenária calejada que eu era, sabia reconhecer a alta periculosidade e a reconhecera no Bengala. A tirada de Tennessee era uma estéril fanfarronada.

Rotterdam encarregou-se de potencializar todos os interferômetros e atrapalhadores de bordo, criando assim uma teia orientacional que impedisse o homem da Mão Negra de nos seguir. Estávamos já nos aproximando de nosso

destino e Beng, desejoso de evitar perda de tempo, levantou algumas questões importantes:

- Antes de mais nada, como é que a equipe da Mão Negra pode dispor de uma nave poderosa e de mísseis com a sua marca? Afinal de contas nós não estamos na Terra.

Valentina - Ah, chefe, admira-me que você não conheça as ramificações da Máfia! Eles já possuem um braço em Sombrio!

Rotterdam - Entre os homens-sapos?

- Podes crer, amizade. Eu já lidei muito com mafiosos e eu sei que eles têm uma política subterrânea de penetração interplanetária em larga escala. Nós usamos a diplomacia; eles desenvolvem braços.

Beng - A coisa vai ser mais difícil do que eu pensei... agora, e essa menina? O que fazemos com ela?

- Como assim? - perguntei, preocupada. Temia pela Licia.

- Ela é uma clandestina, Vésper. Não tem nada que fazer aqui e põe em risco nossa missão.

- Mas o Gaspar não reclamou...

- É claro que não, sua burra. - era Valentina, como de habito, desagradável. - Como no espaço, eles são a nossa reserva estratégica e não devemos manter comunicação para evitar escutas.

- Mas isso é uma emergência.

Licia - Vovô sabe que eu sei me cuidar!

Tennessee - É claro! Nós outros é que temos que nos preocupar!

Beng - Sim, mas e a identidade dela? Temos que lhe arranjar um nome falso o quanto antes! E uma história! Valentina, ela será sua irmã caçula! Sua neta, Vésper! Agora, quanto ao nome...

Licia sugeriu: - Que tal Fredegunda Honorina Bonifácia, seu Beng?

- Licia, por favor - enlancei a menina e lhe afaguei os cabelos. - isso é feio demais!

Beng pegou o disco identificatório de Licia e acoplou o desbloqueador disfarçado em obturação dentária; manipulou então os dados de uma identificação falsa. Em seguida, devolveu o objeto à pequena.

- Pronto. Você agora chama-se Fredegunda Honorina Bonifácia.

- O QUEEE?

- Não foi isso que você pediu?

- Gente, eu só estava brincando! Não quero carregar um nome desses!

- Ah, você só estava brincando? Pois eu também sei brincar. E não gosto de clandestinas.

- Console-se, querida - animei-a. - Isso é um nome descartável, só. É só para mostrar aos sapóides e eles nada entendem dos nossos nomes.

Ela aproximou os lábios do meu ouvido esquerdo e sussurrou-me:

- Sabe de uma coisa, Vésper? Esse nojento ainda me paga.

E aí ela falou em voz alta:

- Você me deve essa, Beng.

Eu, se fosse o Beng, levaria essa ameaça a sério.

.....

Beng projetou o mapa na tela tridimensional e decidiu-se por descer no Posto Pesqueiro de Upqutrid, no Cabo dos Cadáveres. Nós tínhamos que sondar um pouco o ambiente. Ele decidiu que nós devíamos pousar e entabular conversa com os aborígenes.

Então finalmente chegava a hora que vinha sendo adiada: iríamos lidar com os habitantes daquele planeta. Não me considero preconceituosa, mas sempre tive uma certa natural repugnância em lidar com seres racionais não-humanos, isto é, com os ET's. Mas agora teria que encará-los.

Os sombrianos possuem a nossa estatura, mas tendem a ser mais gordos, balofos. Sua pele é acentuadamente verde, e sobre as suas cabeças calvas ocorrem umas formações calcificadas, pequenas cornos. Seus olhos são grandes, arregalados, espertos e maliciosos. Seus crânios são braquicéfalos, lembrando os chineses. Não formam divisões raciais pela diferença de coloração, eis que há poucas variantes em seu esverdeado. Detalhes mais sutis caracterizam as suas diferenças raciais, como o tamanho das orelhas e dos chifres, por exemplo. Ou então a conformação desses cornos. As mãos e os pés apresentam membranas interligando os dedos que, como em nossa espécie, são cinco em cada membro. Possuem vozes anasaladas ou ásperas, e formam famílias numerosas. Quanto às complexidades de sua estrutura social, não é coisa que eu tenha me interessado em estudar.

Ao descermos no aeroporto, fomos abordados por um funcionário uniformizado:

- Estamos honrados com a sua visita - disse ele, em galático universal. - Temos aqui um excelente restaurante.

- Obrigado - disse Beng, cumprimentando o anfitrião. - A paisagem dessa região é bem exótica. Costas escarpadas, fjordes, devem vir muitos turistas aqui.

- Até que não... - o sapóide gesticulou expressivamente com o indicador direito. - Os estrangeiros têm um pouco de medo porque o mar é muito escuro e agitado.

- É mesmo? - indagou-a "Fredegunda". - E monstros marinhos, tem?
- Só o colosso de bigodes. Esse aí pode atacar pequenas embarcações e é carnívoro.

- Que bacana! - Licia adquiriu um ar sonhador. - Será que a gente vai ter que enfrentar um monstro desses?

Belisquei a garota e Beng se apressou a falar:

- Nada disso! Que iríamos fazer no mar? Vamos só sobrevoar e filmar, não é mesmo?

Tennessee, que agora usava o nome histórico de Rui Barbosa, acrescentou:

- Nós queremos reabastecer um pouco. Vocês aí tem "chips"?

- Componentes microeletrônicos? Mas de que tipo?

- Não, eu me refiro a batatas fritas...

Eu tenho passado muito vexame com os meus colegas de aventura...

.....

Resolvi passar na loja de conveniências. Fui até lá de mãos dadas com Licia que, de bermuda, boné e tênis, era a pessoa mais informal do grupo. Entramos no ambiente iluminado e asseado da loja de conveniências e fomos espiar as vitrines de especiarias nativas. Parece que algumas coisas são comuns às várias civilizações. Eles tinham bolinhos, pastéis, empadas, tortas...só não sei de que. Experimentei provar uma torta verde ao custo de meio crédito interplanetário para correr ao banheiro na primeira mordida. Era picante demais. Depois que cuspi o bocado, Licia me explicou:

- Isso é uma torta de quibumpz! Sabe o que é isso? A pimenta desse planeta!

As crianças hoje em dia, como vocês sabem, são mais sabidas que os adultos...

Quando saí do banheiro eu a vi. Sentada a uma das mesas, a me olhar... uma jovem ocupada com alguma torta e uma bebida de canudinho.

A sereia japonesa da fotografia do Bengala.

Só então me toquei que deveria tê-la percebido de saída. Afinal, não estávamos no Sistema Solar Humano. Ela, porém, acenou-me, fazendo-me sinal para sentar na mesma mesa.

Virei-me para Licia de maneira a evitar leitura labial, e alertei-a discretamente:

- Vamos falar com ela. Cuidado e discrição, ela é perigosa mas vamos fingir amizade.

Eu poderia ter dito qualquer coisa inofensiva, tal como : "Que surpresa, uma terrestre aqui! Vamos falar com ela!".

Fomos até lá. A japonesa sorriu e nós puxamos nossas cadeiras.

- Oi! - falei. - Não esperava encontrar uma terrestre...

- Há muitas nesse mundo, apesar da distância de cem mil anos-luz... sou Miki Hokkaido. E vocês?

- Eu sou Anabella Guthridge. Esta é a minha neta, Fredegunda.

- Que nome lhe deram! - disse a sereia. Eu tive a impressão de ver a fumaça subido da cabeça da Licia.

- Me chame de Fred - saiu-se ela. - Não faz mal que seja meio masculino.

- Bom... - observei. - Haverá alguma coisa por aqui que a gente possa comer sem vomitar?

Miki - É claro! Peça um pirê de batatas. Bem, não é exatamente batata. É xantel amarelo, mas parece bastante, se você puser um pouco de cloreto de sódio. E para beber peça suco de xaxixuxo. É gostosíssimo!

- Que faz você aqui? - indaguei distraidamente, após fazer o meu pedido.

- Pesquisas... Há uma imensidão de coisas para pesquisar no universo. A ciência jamais terá fim.

Não esperava uma resposta tão vaga e filosófica, mas antes que pudesse habilmente conduzir o diálogo por caminhos mais esclarecedores, Miki desviou o assunto:

- Soube que houve um desastre medonho não muito longe daqui, nos corredores rochosos. E com vítimas humanas!

- É mesmo? Bem, havia muita gente na embaixada, saindo em excursão...

- Mas esse aparelho não consta ter saído da embaixada. E, coisa curiosa: as pessoas que nele estavam eram três mocinhas... e encontraram trajes circenses nos despojos.

- Meu Deus!

- Pois é. Tão jovens...tsk tsk... - olhou-me perquisitivamente. - ouviu falar de artistas de circo por aqui?

Eu dava atenção a ela porém ao mesmo tempo pensava, cozinhava os elementos daquele caso. Incomodava-me saber que nos seguiam, mesmo tendo perdido a nossa pista no hiperespaço. O Bengala tinha penetrado na embaixada, mas e o pessoal da Rufina?

- Não, eu não ouvi... - respondi, ao mesmo tempo em que a cena da briga na astronave passou como um filme acelerado na minha mente.

Remoí-me de vontade de sair correndo em busca do Beng, mas precisava disfarçar.

Valentina, Rotterdam e Tennessee apareceram na entrada da loja, que era vasta. Eu me apressei em terminar o lanche e aproveitar a vantagem que

possuía, por ter reconhecido a minha conterrânea sem que ela percebesse e por saber que ela sabia quem eu era e não sabia que eu sabia. E, tão certo como os catetos são os dois lados do triângulo retângulo unidos pela hipotenusa, eu já sabia o que iria fazer.

Despedi-me de Miki e fiz sinal à Licia. Miki, toda gentileza, apertou-nos a mão e observou que talvez voltássemos a nos encontrar, durante as respectivas pesquisas. Cheguei perto de Rotterdam, que estava aceitando um tuggukamplio (equivalente sombriense do café) de uma robô-garçonete, e perguntei:

- Onde está o Tadeu?

- Está conferindo as coisas no cabinomóvel. Sabe como ele é minucioso com os aparelhos.

- Ele é chato. Fiquem de olho nessa japonesa. Venha, Licia!

Assim, deixando o resto da equipe distraído-se com a sereia nipônica, saí ao ar livre acompanhada apenas por Licia. Surgira entre nós, espontaneamente, uma grande cumplicidade. Esta percebera que alguma coisa devia andar errada:

- O que houve, Vésper? Aconteceu alguma coisa?

- Querida, fique calma. Eu vou esclarecer uma coisa com o Beng. Ai, que idiota.

Ela me deu o braço e falou muito séria, a criança:

- Eu te ajudo.

Beng estava diante do painel de controle. Eu me aproximei dele e minha contida excitação deve ter transparecido, pois ele se voltou espantado. Eu já puxara do cinturão o meu estojo informático detector e o aproximara dele.

- O que foi, Vésper?

- Chefe, você está com um bicho implantado em seu pulso esquerdo. Existe uma inchaçãozinha. Nós temos que tirar isso!

- Que está dizendo? Está maluca?

- Foi a bordo da Petúnia...quando prenderam você na cadeira...a própria correia implantou-lhe o chip rastreador...deixa eu tirá-lo!

- Sai! Para com isso!

- Eu segurei com força o seu braço esquerdo e fui logo arregaçando a sua manga, mas ele bancou o teimoso e me repeliu. Nós nos atracamos e Licia atracou-se também com ele, disposta a me ajudar. Eu acionara o extrator eletrônico do meu detector, que já piscava loucamente em vermelho e emitia insistentes bip-bips. Mas não era fácil controlar um cavalão como o Beng e ele jogou a nós duas para trás. Só que, quando eu caí de costas na mesa, machucando-me à beça, já trazia comigo o chip espião, aderente ao meu detector. Eu era bem prática e, tendo conseguido o que queria, não pensava

num revide ao chega-pra-lá do Beng, mesmo machucada. Mas enquanto via estrelas a Licia, que certamente não pensava do mesmo modo, avançou sobre o Beng e chutou-lhe a canela, cumprindo assim a ameaça que fizera em presença do avô. Um chute na canela, porém, mesmo doloroso, não deteria o Beng que, furioso como estava, ergueu a mão aberta sobre a menina. Esta porém, sem demonstrar medo, acertou outro chute, mas este não na canela, e sim mais acima e mais para o meio. Gente, a sorte do Beng é que ela só tinha dez anos!

Dessa vez a Licia recuou. Quando recobrou a capacidade de falar, o Beng urrou:

- Sua meretrizinha! Vou te esquentar como o calhorda do teu avó jamais fez!

Mas quando ele avançou eu me interpus:

- Pare, Beng! Não pode bater na menina!

- E por que não? Me dê uma boa razão!

- Eu lhe dou duas. A primeira: o regulamento da Cosmopol proíbe que a gente castigue crianças.

- Fui eu que redigi o regulamento e acabo de revogar este artigo. Qual é a outra razão?

- É essa: se tocar num fio de cabelo da Licia, *eu te esfolo vivo!*

E não é que a segunda razão convenceu o Beng?

CAP.XIV

REENCONTRO NA BAÍA DA MORTE VIOLENTA

O aparelhinho deveria ter uns 15 milímetros de comprimento, era um colóide cibernético que certamente fora aplicado com anestesia local imediata – provavelmente anulamicina alcalóide de 3ª calcinação – e o colocamos numa solução neutra para estudos posteriores. Beng passou um rápido curativo no braço e ainda permaneceu incrédulo:

- Não posso crer que tenham conseguido! Como é possível que eu não reparei?

- Isso é só a metade da nossa encrenca, homem – falei, entediada. – Lá no posto, na loja de conveniência, deixei nossos colegas vigiando a mulher do medalhão.

- O quê? Do medalhão?

- O medalhão do Bengala.

- Ora, não me faça rir! Reconheceu uma pessoa por uma foto! Não deve ser a mesma...

- Olha aqui, meu *querido* chefe. Eu sou mercenária há vinte anos e já identifiquei outras pessoas por fotografia. Além disso será que eu tenho que lembrar a você que não estamos na Terra? O que é que uma japonesa está fazendo aqui?

- Ela não está sozinha. Há outra mulher com ela – disse Valentina, que acabara de entrar, seguida pelos outros dois.

- Por acaso a outra é uma garota ruiva e de rosto sem sal? – perguntei.

- Não, não, é preta.

- Ela tem um metro e sessenta de altura?

- Pouco menos que isso.

- É magra? Com 25 anos?

- Isso...

- Pode ser um disfarce! Aquela Lucy... esteve com o Valongo.

- Temos que resolver logo o que fazer – disse Tennessee.

Uma explosão ensurdeceu-nos e nos jogou todos ao chão. A nave sacudiu como um barco em meio à tempestade.

- Tarde demais – falou Rotterdam. – Eles já resolveram por nós

- Caramba... – era Licia, que me ajudou a levantar.

Quando saímos constatamos que o reator solar fora explodido por uma mini-bomba, que podia ter sido distraidamente jogada. Os funcionários pareciam mais em pânico que dispostos a fazer qualquer coisa útil.

As claridades do longo dia sombrio (26 horas e 3 minutos) já começavam a pincelar o horizonte e eu, tresnoitada, começava a ter dificuldade em raciocinar com clareza. Meus cilindro-eixos estavam pifando. Rotterdam segredou-me que suspeitavam do gerente do posto, Tug, que nos recebera. Podia ser: segundo Valentina, a Mão Negra era quase onipresente.

Beng chamou Rotterdam e lá se foi em busca das duas suspeitas.

Tudo em vão. Elas tinham ido embora, sem que descobríssemos sequer qual era seu veículo. A incompetência da minha equipe já estava me incomodando, portanto eu já estava em ponto de bala quando Beng ordenou a separação do grupo em duas naves-salva-vidas retiradas do cabinomóvel. Beng pretendia seguir direto para o ponto onde estaria sendo guardado o artefato, houvesse o que houvesse, pois Tug já chamara a polícia local; depois o Gaspar nos resgataria.

- Vamos fazer o seguinte: eu vou com Valentina e a garota; Rotterdam e Tennessee, vocês seguem com Vésper.

- *O que?*

Enlacei Licia por trás, com vigor e decisão.

- Por Deus, Beng. Isso não vai acontecer. Ela vai comigo!

- Vésper, eu já dei a minha ordem.

- Beng, você não vai me separar da Lícia. Deixá-la com você e Valentina? Terão que me matar primeiro. Não aceito isso.

Lícia – é isso mesmo, cara de bagre. Eu vou ficar com a Vésper.

- Quem manda aqui sou eu! – berrou Beng, que parecia estar quase convencido disso.

- Chefe – falei ironicamente – tão certo quanto o ano plutônico é de 26.000 anos terrestres, isso não inclui separar-me da Lícia. A sua atitude, permitindo a presença dessa menina em nossa missão, é questionável. Você se curvou ao Gaspar, mas bem sabe que podia ter -se comunicado com a base para mandar a garota de volta.

- Posso vetar a sua participação em qualquer missão da Cosmopol.

- Eu não tenho vínculo empregatício com a Cosmopol, você sabe disso. Eu sou uma mercenária. Porque não deixa Lícia em paz, Beng? Que coisa feia, um adulto querer se vingar de uma criança!

- Seguiram-se alguns instantes de silêncio. Rotterdam e Tennessee, surpreendentemente, disseram ao Beng que ele deveria ceder, que aquilo não tinha a menor importância. O incidente poderia ter ficado por ali mesmo, mas o diabo se meteu. A viking falou:

- Ora vejiam! Não tinha percebido essa sua faceta, Vésper. Então, você é chegada a uma pedofilia...

- O que?

Cuspi aquela exclamação e, já com a medida cheia, espalmei a mão direita e tentei acertar a cara da mulher. Ela porém pegou a minha mão no ar e jogou-me facilmente no chão.

- Quer tentar de novo, querida? – disse ela, sardonicamente.

A turma do deixa-disso se meteu e, apesar de tudo, levantei-me vitoriosa. Afastei-me com Lícia enganchada no meu braço, sem que ninguém mais questionasse minha decisão. Beng decidiu que Rotterdam nos acompanharia. A pequena cochichou-me ao ouvido:

- Não se preocupe, Vésper. Na próxima vez nós cuidamos dela juntas!

- Não, querida, nem pense nisso. Ela é perigosa.

- Mas, Vésper, não tenho medo dela!

- Nem eu. Mas nós não podemos ficar brigando, Lícia. Apesar de tudo, Valentina é nossa aliada. Nós estamos na mesma missão, lembra?

Quando terminamos de inflar nossos balões, que eram de inflação instantânea, e começamos a socar nossas coisas dentro deles, Tug e mais dois sapos vieram correndo, e o tal bufou:

- Vocês não podem ir embora! Eu já chamei a polícia e vocês terão de prestar depoimento!

- Ah, é? E vocês dirão que explodiram a nossa nave?

A acusação de Beng paralisou-os de estupor. O sapóide mais alto, e manco, reagiu:

- Está louco! Vai pagar pelo que disse!

- Pois aqui está a prova!

Beng manejou sua lanterna holográfica e fez aparecer uma seqüência que mostrava a Lucy conversando com Tug diante do aviário, em meio a uma gritaria de galináceos de Sombrio. E o tradutor de leitura labial mostrou esta frase de Tug:

- A nave dele vai ser sabotada. Uma explosãozinha só, mas não poderão segui-los.

- Lembre-se, não fale nada sobre o artefato. Senão eles são capazes de te enforcar.

Beng desligou a lanterna. Há momentos em que se tem de parar para decidir o próximo passo, mas agentes da Cosmopol não se dão a esse luxo. Beng, Rotterdam e Tennessee sacaram suas armas e alvejaram os três sapos, aproveitando a hesitação dos mesmos. O caldo havia entornado. Entrei com Lícia no meu veículo e, na confusão, foi Tennessee quem nos acompanhou, tomando os controles. Abraçando a mim, com o seu taco de beisebol a

tiracolo, Licia parecia decidida a ir até o fim. Alçamos vôo debaixo de uma sarivada de balas e Tennessee, habitualmente pouco loquaz, resolveu falar em quantidade:

- Esse caso está muito confuso... muito encrencado... e não era para ser assim!

Ocupada em acionar os aparelhos confundidores que nos restavam, evitei falar e Tennessee continuou:

- A presença dessa menina, por exemplo, só está causando confusão. Ela não podia estar aqui.

- Tennessee, em todas as missões da Cosmopol as coisas podem correr mal e nós todos arriscamos nossas vidas. Eu perdi o meu marido há cinco anos, você sabe disso. Deixe a Licia em paz e vamos pegar o artefato!

- A polícia de Sombrio é extremamente brutal e já vem vindo para cá. Começo achar que o Caveira tem razão!

- Cale a boca, seu cabeça de bagre – disse a Licia, surpreendentemente.

- O que?

- Se é para dizer que nós vamos morrer, é melhor calar a boca.

- Beng chamando! Sigam o meu farolete!

Aproximávamos das ilhas de areia ao longo das quais estava guardada o artefato, conforme as nossas informações. Foi quando vimos a embarcação, o navio em forma de aríete que migrava velozmente as águas escuras. Pus um binóculo e me espantei:

- Mas é Gaspar!

- Vovô! Vamos lá pousar!

Avisei Beng e pela segunda vez éramos resgatados pelo prof. Gaspar. A despeito das raivas e dos ressentimentos do diretor Beng, o homem era eficiente.

CAP. XV

RUFINA

A embarcação facultou-nos a ponte levadiça e rapidamente embarcamos, levando os instrumentos e objetos, alguns dos quais estavam aparelhados para levitar. O globo de Beng já se aproximava. Lícia, Tennessee e eu fomos recebidos pelo Gaspar e sua equipe. Lícia abraçou-se ao professor enquanto Maturina a olhava colericamente. É claro, a presença do avô era uma proteção para a pequena, mas eu também estava atenta para qualquer eventualidade.

O Caveira veio falar comigo:

-Vamos nos reunir para morrer juntos.

Olhei-o com firmeza:

- Não fale em morte. Eu não quero morrer, Caveira. Eu quero viver! E que Deus me ajude, porque eu vou lutar pela minha vida.

- Os espíritos da galáxia vão nos ajudar – disse a Ornela (é claro).

- Não temos tempo para conversar – disse Maturina. – Aquele velho horrível já vem chegando com sua horrível valquíria. Vamos cumprir logo essa horrível missão!

De fato Beng já tinha pousado na água e vinha subindo a bordo com Valentina e Rotterdam. Ao chegar a bordo Gaspar, com as mãos nos bolsos do guarda-pó, aproximou-se dele:

- As coisas estão muito quentes?

- Três homens-sapos e duas mulheres provavelmente da Mão Negra nas proximidades. Mas depois eu lhe conto o que houve: primeiro vamos recolher os dirigíveis.

- Você está louco! O que, aliás, não é nenhuma novidade. Já fiz o milagre de conseguir esse barco! Ele não tem capacidade de transportar lastro.

- O quê! Nós vamos desinflar as naves, não podemos seguir sem elas! Como vamos escapar depois?

- Esse barco voa, seu idiota. E é muito mais seguro que um salva-vidas! Pode esquecer esses balões.

Beng, porem, não gostava de dar o braço a torcer diante de Gaspar:

- Quem manda nessa missão sou eu! Já esqueceu disso?

- Nós podemos discutir isso num tribunal da Cosmopol . Não se esqueça que lá já correm quatorze processos meus contra você e treze seus contra mim. É uma ótima chance para você empatar.

Resolvi intervir conciliatoriamente:

- Gente, porque não rebocamos esses balões? Eles flutuam bem e ainda podem ser úteis. Temos uns cabos de magiplast galvanizados que podemos usar...

Lícia – Genial, Vésper! Você é minha heroína!

Talvez até hoje a minha querida Lícia não tenha avaliado o que representou para mim aquele elogio. Eu já havia sido chamada de aventureira, de assassina, de criminosa, de mercenária, de espiã mas nunca de heroína. Minha profissão não é heróica. É violenta, perversa e traiçoeira.

O professor Gaspar concordou a custo com a minha sugestão (desconfio que isso nos poupou uma cena de pugilato entre os dois homens) mas, enquanto Tennessee, Rotterdam e Ataliba providenciavam o reboque dos dirigíveis salva-vidas, Gaspar nos alertou sobre a situação:

- Não vamos precisar submergir. Aconteceu um fato muito estranho: as forças navais que guardavam o artefato entraram em fuga.

- Beng – Como assim? O que foi que aconteceu?

- O meu idiomascópio deu conta de uma epidemia que varreu os militares e os pôs em fuga. Nesse momento o artefato já está localizado: o informulti de Yezzi o detectou no Paredão da Carnificina, próximo aos Rochedos do Esquartejamento, e já estamos a poucas milhas. Vamos para lá a toda, pegamos o artefato e azulamos! Por sorte estamos na maré baixa.

Algo porém me palpitava... Dizem que nós mulheres somos mais intuitivas que os homens.

- Um momento! Professor Gaspar, que epidemia é essa?

- Tem características semelhantes à Peste Negra do século XIV, e é extremamente mortífera.

- Na nossa época... numa civilização altamente tecnológica e que domina a medicina ortoeletrônica? Isso não faz sentido! Esse planeta está saneado de epidemias!

- E o que você sugere? Aonde quer chegar?

- Gaspar, eu não sei aonde eu quero chegar. O que eu sei é que a arca da aliança, quando foi roubada pelos filisteus, provocou mortandade entre eles.

- Tsc! Tsc! – zombou Valentina.

Gaspar- Menina...Você acha que eu posso considerar uma explicação sobrenatural?

Rotterdam – Onde você leu isso, Vésper?

- Isso está no primeiro livro de Samuel, no Antigo Testamento.

Ornela tocou-me o braço com carinho.

- Querida, se for mesmo isso não há razão para você se preocupar. Nós não vamos roubar o artefato, vamos resgatá-lo. Os espíritos do espaço não nos farão mal.

Entretanto, ao chegarmos verificamos ser impossível encostar o navio no paredão. Avistamos uma caverna com porta, a dez metros da linha d'água, com uma varandinha e duas escadas incrustadas na rocha, que levavam lá para cima. A decisão de Beng fora acertada: com os dirigíveis podíamos verificar se haviam sentinelas na chapada, e dar cobertura ao barco. Beng refletiu e, depois que Yezzi, com sua aparelhagem Sailor Mercúrio, me garantiu que o artefato estava lá, atrás da porta na rocha, destacou a mim e a Valentina:

- Chegou a hora de mostrar que vocês são mercenários. Vocês são pagas para arriscar a vida, portanto vocês duas vão trazer o objeto! E nada de brigas: nossa missão é mais importante!

- Pode deixar, chefe. Irei em paz com a valquíria.

Ela não pôde deixar de reagir à alfinetada:

- Pode deixar, chefe. Irei em paz com a escoteira.

.....

Valentina e eu mergulhamos e fomos nadando por aquelas águas turvas, mas repletas de peixes elétricos. A viking era rapidíssima sob a água e eu tinha dificuldade em acompanhá-la. Parecia-me que as correntes marinhas eram mais fortes que a nossa sombriografia davam a entender. De fato, as isotérmicas da região indicavam temperaturas amenas e nenhuma corrente importante passava por ali. Então porque aquela agitação das águas?

Subitamente os cardumes de peixes elétricos passaram voando, por assim dizer, em volta de nós, da esquerda para a direita. Valentina tocou-me e apontou lá adiante, uma figura que se aproximava e nos apontava...

- Cuidado!

O aviso de Valentina foi desnecessário, pois eu já desviava do arpão. A nórdica jogou uma bomba de concussão e eu aponte para cima.

- Vamos subir, estamos perto. Gaspar, um ataque! Tome cuidado!

Subimos nas rochas da estreita fimbria que bordejava o paredão de granito. Vários homens-rãs estavam subindo nos seixos da praia; Valentina e eu juntamo-nos costa com costa e iniciamos a fuzilaria, usando as armas como metralhadoras giratórias. Podem crer, é uma tática eficiente quando as armas estão preparadas para formar um protetor campo de força enquanto são manejadas. Um aviãozinho sobrevoou-nos e Valentina alvejou certamente. Enquanto caía, vi o signo da Mão Negra.

Por incrível que pareça, avistei a Lucy lá dentro. O veículo se espatifou na água e em seguida, um bicho colossal e bigodudo atacou-o selvagememente.

O colosso de bigodes...

Por isso a pseudo-corrente marinha! A agitação da água!

Dos quatro homens-rãs que nos atacavam sobrou apenas um inteiro, e era uma mulher; e levantou os braços em rendição, jogando a arma fora. Valentina fez menção de matá-la, mas eu segurei o cano de sua arma:

- Pare! Ela se rendeu!

- Pode ser uma armadilha!

- Pode ser, mas não creio, e nossos companheiros já vêm nos ajudar! Me dê cobertura!

Corri até a mulher, e reconheci-a assim que cheguei mais perto:

- Rufina!

Sou ótima fisionomista. Posso lembrar-me após anos de uma cara vista rapidamente, se o encontro foi importante.

Cheguei-me a ela. Com as mãos bem para cima e espalmadas, o rosto tenso, e tendo-se posto de joelhos, era a imagem da rendição.

Rufina era loura, de cabelos curtos, alta, magra, dura na aparência, uma beleza fria como a de certas atrizes. Um tipo perfeito para a espionagem. Sua atitude, porém, era atípica, e eu, algo perplexa, fiz-lhe uma pergunta inusitada:

- Por que você se rendeu?

- Eu sou a última da minha equipe... e não agüento mais. Não posso mais. Morreram todos... por causa desse artefato.

Ela tinha lágrimas nos olhos e vi que não estava brincando. Contemplei, por alguns instantes, aquele estilicídio que descia de seus olhos... depois, caindo na real, retirei uma corda de minha mochila e amarrei as mãos de Rufina para trás. Percebi que Valentina nos observava à distância. Fiz com que Rufina se levantasse e indaguei:

- Afinal, quem são vocês?

- Nós somos, ou melhor, nós éramos, da Inter Crimes.

- Suspeitei desde o início... e para que vocês querem o artefato?

- Não sei. Recebemos ordens e viemos cumpri-la. Você acha que contam tudo para nós, Vésper?

- Então sabe quem eu sou.

Ela sorriu tristemente.

- A sua fama na Cosmopol é grande. Você é respeitada por seus métodos humanitários. A ela eu não me renderia.

Referia-se a Valentina, e continuou:

- Eu estou farta, Vésper. Farta de ver os meus companheiros, as minhas amigas, morrerem. O mágico... Trig...eu o amava. E Torquato Valongo o

matou. Tivemos azar desde o início, enquanto a equipe da Mão Negra vem se saindo melhor. Não tenho mais porque lutar. Quero voltar à vida civil, ser uma pessoa normal. Você acha que eu ainda tenho retorno, depois de tudo?

- Nada é impossível. Eu gostaria de ajudá-la, acredite, mas não depende só de mim. Diga... porque vocês montaram um circo? Que idéia mais maluca!

- Maluca, não! O Trig era mágico, e arranjou alguns agentes com habilidades em geral medíocres, para simular um circo. E você viu que quase pegamos vocês. Se não fosse a sua esperteza, Vésper...

- E o homem-porco?

- Ah, sim. Ele não tinha habilidades circenses. Trig deu-lhe um bumbo e mandou-o bater. Por pior que fosse, serviria.

- Bem. Valentina já está impaciente. Vou ver quem pode ficar com você, que eu e ela vamos pegar...

Não pude terminar. A água se agitou; um estranho barco discóide, cheio de vigias, emergiu girando e espadanando água salgada, a pouca distância de nós.

- Cuidado!

Joguei-me ao chão e Valentina fez o mesmo. Pegamos nossos arsenais e a fuzilaria começou. Rufina, ao tentar fugir, foi atingida pela carabina giratória de laser que apontava de uma das vigias da calota superior rotativa do disco voador.

A Mão Negra estava lá, pintada no disco. Algo espantoso, porém, aconteceu. Um bicho escuro, de muitas toneladas, pintas pelo corpo e quatro tentáculos vigorosos, molusco gigantesco e asqueroso, pulou em cima da água e enlaçou o disco, imobilizando a carabina. Resfolegou raivosamente e os dois imensos corpos caíram ruidosamente na água. Havia vários colossos naquela água, pelo visto.

- Vésper, Valentina! Cuidado! A Mão Negra está atacando!

CAP. XVI

A BATALHA CONTRA A MÃO NEGRA

Percebi que Valentina, arrostando o perigo, escalava os pinos pregados na rocha como rústica escada até a sacada da chapa cósmica. Mas eu não podia fazer o mesmo tão rapidamente; não com uma agonizante aos meus pés. Assaltou-me o remorso: se eu não a houvesse manietado, ela talvez tivesse agilidade suficiente para escapar. Desatei-a como um último favor e, sentada na areia cristalina, descansei sua cabeça sobre minhas pernas. Aquele assomo de ternura por uma inimiga que me mataria a sangue frio se tivesse oportunidade, parecia incoerente. Injetei-lhe alguns complexos vitais, pelo menos para aliviar seu sofrimento, e deixei-a falar:

- Você deve estar estranhando, Vésper... mas eu sou *sensível à morte*. Sempre fui; esse é o meu segredo, que eu jamais contei a ninguém. Por isso... a cada ano que passou... eu me enojei mais do meu trabalho e da minha pessoa. Porque eu matei, e muito. Fui hipócrita, é claro. Ganhava o meu dinheiro, tinha os meus homens. Não me incomodava que meus inimigos morressem: eram inimigos da causa, da Intercrimes, do ideal da pirataria. Mas se eram meus companheiros, gente da minha equipe, eu sentia, e a cada ano sentia mais forte. Até que Trig também morreu e foi a gota d'água, mas eu já estava envolvida até a medula óssea nessa aventura e não me era mais dado recuar.

Arquejou. Falar era um esforço cada vez maior. Ela apertou a minha mão.

- Vou morrer, Vésper. Obrigada por ter sido boa comigo. Reze por mim. Oh, meu Deus!

- Descanse, minha amiga. É uma pena que não nos tenhamos conhecido fora da espionagem... desse mundo oculto e sujo.

- Você disse tudo. Adeus, Vésper. Deus... meu Deus!

Rolaram-me algumas lágrimas, diante da pungente morte da Rufina. Pensei: quem morre chamando por Deus... poderá ter um mau destino?

Pousei sua cabeça na areia e fechei seus olhos. Eu estava abaladíssima. A história que ela me contou... era a minha história, com poucas diferenças. Ela não me falara em filhos ou em pai e mãe. Seria melhor se não existissem, é claro.

Quando recorro aquela cena, admira-me o risco que corri, ali imóvel, enquanto os acontecimentos se precipitavam ao meu redor. Não ficara completamente descuidada, é claro: enquanto ouvia Rufina circunvagava o olhar pelo céu, onde corriam nuvens do tipo estrato-cúmulo, e escutava o rumor da batalha que se travava no chapadão. O barco do prof. Gaspar levantou vô e passou rasante pela escarpa; Valentina conseguiu abrir a porta e entrou. A valquíria era a primeira a chegar! Um sentimento de inveja sufocou-me, mas o meu grilo falante me sussurrou: é mais importante confortar a moribunda. Dessa vez, Vésper, você agiu certa.

Eu estava abandonada lá embaixo e calculava que tínhamos poucos minutos para resolver tudo, enquanto o Alto Comando de Sombrio não decidisse retomar o controle da situação. De uma hora para outra eu me transformei na mais veloz alpinista da galáxia. É verdade que as ventosas eletrônicas de Spitz facilitam tudo. Não fui ao encontro de Valentina; era mais urgente penetrar na batalha.

O platô era coberto de gramíneas altíssimas, bambuzais (o planeta tinha excesso de bambuzais), árvores parecidas com o abricó-de-macaco terrestre e grandes blocos de rochas escuríssimas. Cheguei a tempo de presenciar a tragédia espantosa: atingido por disparos mortíferos, o barco do Prof. Gaspar perdeu a estabilidade e caiu bamboleando-se como um ser vivo; em manobra proposital, e acertou um barco voador da Mão Negra, de onde partira o disparo; o veículo foi esmigalhado. Percebi que os dirigíveis também haviam sido derrubados. A situação estava preta. Então várias pessoas saltaram do barco e buscaram proteção nas pedras. De onde estava avistei uma sombra atrás de uma rocha oval de uns seis metros de altura. A sombra de um homem com bengala, a terceira ponta de um triângulo isósceles em relação a mim e ao barco.

- Cuidado! Cuidado!

A bengala vomitou fogo.

Eu disparei, mas ele estava bem protegido. Vi um vulto caindo e corri. Os outros conseguiram puxá-lo para trás de uma pedra em forma de esquite.

Eu cheguei e vi. Diante de Beng e Ataliba, perplexos e silenciosos, ali estava, estendido no chão, vermelho de sangue, o corpo sem vida do Professor Gaspar. Completando a cena patética a garota Lícia, debruçada sobre aquele corpo, chorava desconsoladamente:

- Oh, vovô! Querido vovô! Você era maluco, mas... eu o amava assim mesmo! Oh, como eu o amava!

Na minha profissão aprende-se a pensar rápido.

Quem quer que estivesse a bordo do discóide apanhado pelo colosso de bigodes, pertencia à equipe da Mão Negra. Mais gente da *Mano Nera* encontrava-se no aparelho destruído pelo barco-ariete de Gaspar. Lucy morrera; os membros da Intercrimes tombaram na praia. Talvez não restasse nenhum inimigo a não ser o Bengala. Quanto aos meus colegas, Maturina e o Caveira haviam sido atingidos, talvez mortalmente. Era uma carnificina.

Estiquei minha carabina-laser, ergui-me e falei:

- Este trabalho é meu. Não me sigam. Eu pego ele!

- Vou com você. – disse Beng.

- Fique, Beng. Valentina está subindo com o objeto e vocês têm que ajuda-la. Eu vou. Para isso eu sou mercenária, não é mesmo? Devo me arriscar!

Dei-lhes as costas e corri ao encontro de Torquato Valongo.

A tática de luta num cerrado pedregoso é complicada. Deve-se correr em campo aberto, abrigar-se atrás de cada pedra grande, cada árvore ou moita; olhar com olhos de lince, ou de águia; fazer disparos provocativos; atirar bombas em trajetórias parabólicas visando desalojar o oponente. É um jogo de gato-e-rato, ou de esconde-esconde; e eu colocara à maneira de relógio de pulso um sensor termobiológico no braço esquerdo, para localizar o mafioso; mas a operação era difícil, pois eu e ele nos movíamos e havia outros seres vivos no campo de batalha. Finalmente, ao rodear uma rocha enorme talhada quase como um paralelepípedo – aquele sítio até parecia uma Stonehenge, tal o aspecto artificial de suas rochas – um vulto emboscado surgiu à minha frente, bengala em riste, mas os meus reflexos treinadíssimos agiram a tempo. Acertei com minha arma na dele, impedindo-o de disparar. Para minha surpresa ele deu uma esgrimada de Zorro e a arma que eu portava voou longe. Agarrei a bengala, iniciando um corpo-a-corpo com o homem da Mão Negra. Foi uma luta feroz, ofegante, obstinada. Durante minutos pelejamos com os dentes rangendo; subito senti a temperatura da bengala aumentar, num instante estava pelando! Larguei a bengala com um grito. Valongo, que usava luvas de couro e certamente apertara algum botão de comando de alteração térmica, sorriu triunfantemente e me bateu com a bengala no peito e na cabeça, fazendo-me cair sentada, atordoada; apontou-me então a bengala, que em sua ponta apresentava um fino orifício, e eu me vi frente a frente com a morte.

Uma pequena figura surgiu atrás do Bengala, gritando algo assim como “IAAHH!!!” e um bastão de beisebol acertou as pernas do mafioso, por trás. Torquato Valongo gemeu de dor e dobrou-se um pouco; aproveitando-se

disso, Licia acertou-lhe a frente com o bastão, com toda a força que os seus dez aninhos e a adrenalina podiam lhe permitir.

O Bengala tombou ao chão e eu soube, pelo afundamento do crânio, que não mais precisaria me preocupar com ele.

Licia abaixou-se, examinou a sua pulsação, constatou a morte e se ergueu. Por alguns instantes, sob meu angustiado olhar, pareceu presa de grande perplexidade; mas afinal deu um pulo de alegria, agitou o bastão e gritou:

- Ora vejam! Eu consegui matar! Iupiii!!! *Eu tenho a força!*

Tentei me levantar e tornei a cair, com a consciência começando a se toldar.

- Vésper! Vésper! O que foi que houve?

Ela se abaixou, abraçou-se a mim, beijou-me:

- Vésper, está passando mal? Por que chora?

Eu a enlacei, apertei-a contra mim:

- Licia... *minha menina*... eu não quero que você seja o que eu sou... uma assassina. Eu não quero!

E desfaleci nos braços de Licia.

CAP. XVII

VÉSPER ATACA

A viagem de volta à embaixada foi vertiginosa, submarina! Fomos o mais fundo possível, com as nossas luzes iluminando um cenário fantástico de grandes medusas, octópodes, celenterados diversos, animais de tipo radiolário, além de corais cor de açafão e uns bichos estranhos e perigosos conhecidos como bocões. Em outras circunstancias eu teria me extasiado, mas agora sentia-me deprimida e assustada. A maior parte do tempo Licia ficou comigo, inclusive sentada em meu colo, trêmula, chorosa. Parecia aos poucos tomar consciência do que fizera, e a perda do avô ainda era esmagadora. Eu a consolava como podia, mesmo não tendo sido muito amiga do Gaspar.

- Vésper! Vésper! Você vai ficar comigo, não vai? Eu posso chamá-la de mãe, não é?

- Sim, minha querida. Você agora é minha filha e nós nunca mais nos separaremos!

- Oh, Vésper. Vésper!

Ela chorava e ria ao mesmo tempo, apertava sua linda cabeleira em meu seio, e eu a aflagava e beijava. A alguma distância, Valentina zombava da cena. Vez por outra Licia olhava-a de esguelha e com raiva no olhar, e isso me deixava tensa e apreensiva. Então a pequena me olhou bem nos olhos e sussurrou-me:

- *Qual é o seu nome?*

- *Está louca, Licia? Não me pergunte isso aqui. Na Cosmopol eu sou Vésper, apenas. No mundo exterior, civil, eu lhe contarei, mas não aqui.*

- *Mas todos aqui já não sabem?*

- *Não, e nem podem. Tenha paciência, querida, mas aqui eu não direi nada.*

- *Está bem, mamãe. Para mim você será sempre Vésper!*

.....

O drama na Baía da Morte Violenta terminara pouco depois do meu desmaio. Licia depois contou-me ter reclamado assim: “ Vésper, que há com você? Isso lá é hora de desmaiar?”. Quando eu me recuperei e nós nos

reunimos ao pessoal, ainda pude assistir as mortes de Maturina e do Caveira. Mortes bem típicas.

Maturina disse: - Eu sabia que ia ter uma morte horrível!

E o Caveira, por sua vez: - Eu sabia que nós todos íamos morrer... mas contava ser o último e não um dos primeiros!

Valentina, após uma dura escalada, conseguiu trazer o cristal translúcido. Chegou xingando todo mundo por ter feito tudo sozinha, como se nós outros não estivéssemos ocupados. Só se moderou depois de ver os três cadáveres.

Pela primeira vez eu vi o cristal translúcido de tropismo dimensional. Só então eu soube, porque ninguém me havia dito, que era de uma beleza inefável, indescritível. Parecia, de certa forma, conter em si todo o universo, como na fábula relativística da lâmpada de Natal. As cintilações internas eram flutuantes, cambiantes, prateadas, algo incrível.

Quanto aos cadáveres, recolhemos os nossos. Beng não autorizou levar os demais que fossem resgatáveis, vetou a minha sugestão de recolher o de Rufina, que se havia rendido. E mais uma vez a valquíria me espicçou:

- Por que tanto interesse pela Rufina? Eu vi, à distância, como você estava com amores por ela...

- O que quer dizer, viking? Você não tem o menos respeito pela morte! Eu tive compaixão de uma moribunda!

- Compaixão! Mercenárias não podem ter compaixão! Somos pagas para matar!

- Não me recorde isso. Ela havia se rendido e foi morta por terceiros. Alguma coisa nós valem, viking.

Licia começou a me puxar, para afastar-me da discussão. Ornela fez uma intervenção:

- Valentina, o que nós fazemos por amor vale mais que o que fazemos pelo ódio ou por dinheiro, o que dá no mesmo.

- Já sei. Foram os espíritos da Galáxia que lhe ensinaram isso, não?

- E por que não?

.....

Nossa fuga provavelmente não teria sido tão fácil sem a perícia de Ataliba Yezzi. Mesmo sem a ajuda do Prof. Gaspar ele conseguiu otimizar o desempenho de todos os aparelhos de anti-rastreamento e de perturbação paraeletromagnética de bordo, inclusive com a criação de muitos fantasmas holográficos de longa distância e absorventes ondiônicos, e até conseguiu fabricar uma tempestade elétrica de fogos-de-Santelmo, logrando assim

frustrar qualquer possível perseguição. Era de longe nosso mais eficiente técnico.

Evidentemente, os sombrianos não iriam se ausentar da região pelo resto da eternidade. Retornariam do estado de choque com equipes médicas e veículos de quarentena; em último caso colocariam robôs para vigiar o artefato... e descobririam afinal, que ele já não estava mais lá. Por isso era importante que a nossa retirada fosse ultra-rápida e silenciosa. Quanto ao comandante Teplê, informações codificadas que Yezzi recebeu pelo seu subetéreo deram conta de que ele se encontrava nos antípodas.

E a bengala de Torquato Valongo? Eu fingira ter esquecido dela, e lá ficou, na chapada, à espera de quem a encontre. Não queria que ninguém se apoderasse daquela arma sinistra; com um pouco de sorte seria logo coberta por aquela vegetação de rápido crescimento; quanto aos cadáveres, haveriam predadores de carniça. O problema era sem dúvida os veículos que lá ficavam, mas o que restava de nossos balões ia conosco; os aparelhos da Inter Crimes e da Mão Negra não nos diziam respeito. Oficialmente, nunca estivéramos na Baía da Morte Violenta.

Pelo meio da tarde daquele dia agitado nós nos reunimos no grande Salão das cefeidas, para acertar as últimas providências. Beng queria um transporte com os necessários salvo-condutos, antes que o enferrujado sistema de Sombrio fizesse certas relações – as mortes naquele cabo não passariam despercebidas (os três sapóides, lembrem-se?) - e precisávamos levar o cristal para o seu destino. Spik Movila, o embaixador, lá estava com seus dois adutores crônicos, a tirar baforadas do cachimbo de ferro, que lhe deixava a boca torta – ai, que nojo. Ele parecia ansioso por se livrar de nós. Assinou uns documentos de liberação de corpos, após ler um relatório sintético digitado por Beng.

- Vocês poderão ir em seguida. Irão com o Cônsul Bonasha, na espaçonave Cornelius V, que tem imunidades diplomáticas.

- Vocês ouviram – disse Beng. – Dou quinze minutos para que todos estejam prontos, e aí vamos embarcar.

- Eu não vou - disse intempestivamente Valentina.

Foi uma admiração geral. Eu mesma, que estava junto a uma refresqueira enchendo um copo descartável com suco de uva, espantei-me e pus-me a prestar atenção.

BENG – O que você quer dizer, Valentina? Que história é essa?

- É simples, chefe. Vocês todos parecem ter esquecido de alguém.

- A mulher do retrato?

- Retrato? Que retrato, Tadeu?
- Ué, o retrato que o Bengala tinha...
- Aquela japonesa, Miki Hokkaido... – esclareceu Tennessee. – É a ela que você se refere?

- De fato, não sabemos o que foi feito dela – comentou Beng.
- Mas se ela escapou, isso não me preocupa muito. Em outra ocasião cuidaremos dela!

- Oh, parem com isso, seus estúpidos. Eu estou me lixando para a japonesa. Eu falo do Comandante Teplê K Vichtis. Fui paga para matá-lo. Ou vocês já se esqueceram disso?

Senti uma estranha tensão dentro de mim e desviei o olhar, como quem não quer nada, para a grande tela holográfica das cefeidas daquela região galáctica. Cefeidas, as estrelas variáveis cujo diagrama de luminosidade parece com o diagrama da variação de luz de um farol, e por isso as chamam de faróis estelares... o holograma reproduzia, com redução temporal, essas oscilações, e por isso a imagem era tão bela... e era natural que eu olhasse. Mas prestava atenção em tudo que se dizia.

Beng tentava dissuadir Valentina.

- Você está desobrigada disso, querida. Pense bem: o homem não estava lá, e nós conseguimos o artefato. Era nosso principal objetivo. Para que complicar?

- Chefe, pegar o objeto poderia ser o nosso principal objetivo, mas não era o único. O meu contrato prevê que eu mataria esse general; se eu não matá-lo estarei desmoralizada, certo?

- Nós não pedimos coisas humanamente impossíveis.

- Como impossíveis, Beng?

- Minha senhora – disse Movila – devo dizer que o risco agora será muito maior. Depois do que aconteceu por lá...

- Não me importa, embaixador. Se for preciso eu colocarei uma dessas peles sintéticas, finjo-me de mulher-sapo, e me infiltro facilmente entre eles. O psicomonitor já me inoculou até o sotaque, para mim será fácil representar o papel de sombriense. E não preciso de vocês; é mais fácil matar do que recuperar um objeto roubado.

- Veja bem, minha cara – disse Rotterdam – nós não a estamos obrigando a isso.

- Cumprirei o trato, e está acabado.

Eu me aproximara lentamente da nórdica e, como quem não quer nada, puxara de um compartimento secreto próximo do bolso traseiro direito da minha calça, um estilete metálico – aquele mesmo estilete que usara para inutilizar o anulador magnético do homem-porco. Friamente, empalmei o

estilete, mantendo o polegar direito na entrada do bolso, num gesto descuidado. Valentina estava de costas para mim.

- Está bem – ia dizendo Beng. – A vida é sua. Se faz questão de cumprir essa parte da missão...

- Valentina, venha cá – falei, inocentemente.

Ela se voltou para mim, meio espantada.

E aí eu ataquei.

Foi tudo extremamente rápido, mas procurem imaginar como num filme em câmara lenta. Sabendo com quem eu lidava, tive de agir com a maior perícia e velocidade. Agarrei com a mão esquerda o pulso direito de Valentina e com a mão direita enfiei-lhe o estilete na mão, no tendão que une polegar e indicador, bem rente à articulação dos metacarpos e falangianos, perfurando os músculos extensores e flexores. Acertei então um soco na cara dela, ao mesmo tempo em que, com a direita, puxava o estilete, empalmando-o numa posição em que não me cortaria. Resultado: Valentina foi jogada para trás ao mesmo tempo em que o estilete foi puxado em sentido contrário, rasgando-lhe a mão. A valquíria caiu no chão, sua mão esguichando sangue.

- Pronto! – exclamei, trêmula de cólera. – Agora essa desgraçada não vai mais poder matar ninguém por um bom tempo!

Ela quis avançar contra mim. Beng, Rotterdam, Yezzi, Tennessee, todos a seguraram. Se naquele momento ela realmente me atacasse, eu estava disposto a matá-la. Ainda segurava o estilete, e iria na carótida.

Na confusão percebi que Licia se aproximara de mim em silêncio, empunhando seu porrete de beisebol, prontinha a me defender.

Dessa vez pelo menos, Beng tomou a atitude mais sensata. Chegou para mim e disse:

- Vamos separar essa equipe. Vocês duas não podem mais ficar juntas.

Voltou-se para os companheiros que continham Valentina:

- Vocês três ficarão aqui com ela, até que fique melhor da mão. Embaixador Movila, tenho que lhe pedir esse favor em nome da Cosmopol.

- Eu pensava que iria ficar já livre de todos vocês – e aqui ele soltou uns anéis de fumaça.

- Você, Vésper, vem comigo. Valentina irá para o ambulatório da embaixada, fazer um remendo de emergência...

- Não temos estrutura para consertar-lhe a mão – foi lembrando Spik. – Ela terá de voltar para a Terra.

- E voltará. Vai fazer só um curativo de emergência, e você a liberará daqui a dez dias. Antes disso não quero que disponibilize espaçonave para essa equipe. Entendeu, embaixador?

- Espero sinceramente que esta seja a sua última missão na Cosmopol.
Não aprecio o seu estilo.

- Eu salvei o universo – jogou Beng, sem um pingo de modéstia.

Voltou-se para mim:

- Vamos. Você, eu e Ornela. Vamos recolocar o cristal em seu devido lugar, nós três.

Licia abraçou-se a mim e eu lembrei:

- Nós quatro, Beng. Licia vai junto. Eu e ela não vamos mais nos separar.

- Imagino que isso é inevitável. Claro, claro, pode levar a pestinha.

Ensope-a com batatas!

Ao me afastar, escutei as últimas palavras que Valentina me dirigiu:

- Eu vou matá-la! Vou matá-la! Juro que matarei!

CAP XVIII

O PRODÍGIO

- Quando retornar à sede, acho que vou fazer uma ultramicroholocineangiocoronariografia. - comentou Beng, servindo-se de uma mistura de vodca, conhaque e tequila. - Esse caso me desgastou muito.

Ele parecia realmente abatido. Embora não quisesse reconhecer, devia estar abalado pela morte do Professor Gaspar. Afinal, com que ele iria brigar nos próximos trinta anos?

- Tadeu - falou Ornela, chamando-o pelo primeiro nome, o que era raro, e indicativo de uma atitude de solidariedade - nós fizemos o possível.

Lícia e eu, partilhando uma torta de maracujá, estávamos tensas. À falta de seres humanos suficientes, Movila cedera-nos três robôs estúpidos, Pancrácio I, Pancrácio II e Pancrácio III, que cuidavam dos serviços mais vitais e dos mais pesados, deixando-nos folga para respirar - o que há tempos não sucedia. Lícia evitava falar com Beng e olhava-o de esguelha, desconfiada. Na verdade, porém, não havia razão para medo ou preocupação. Beng costumava deixar em paz quem não se pusesse no seu caminho.

-----X-----

Uma semana depois estávamos na nuvem opaca onde originalmente a placa se encontrava. A exata localização, nas espirais da galáxia, desse objeto, é algo que levarei para o túmulo. Beng mostrou-me, na tela de diagramas, com uma precisão de centímetros, onde a chapa deveria ser recolocada dentro de um aglomerado de piritas e outros meteoritos espalhados pelas nuvens de hidrogênio e de diversos gases raros.

- Temo pela ação desses robôs... - ia dizendo ele. - Temos que ter o máximo de cuidado, para não comprometer o resultado final da operação. Ataliba Yezzi faz falta!

Ornela - Nós temos os espíritos da galáxia, chefe.

- Perdão - arrisquei - será que você não quer dizer anjos?

- Chame-os como quiser, minha cara. Eu vou lá no meu alojamento, acender umas velas para invocá-los.

- E é esse o material humano que a Cosmopol me fornece. - lastimou-se Beng, depois que ela se afastou.

Vagávamos em meio à nuvem de detritos cósmicos de gelo espacial e gás interestelar, uma espécie de caixa-prego sideral, a milhares de anos-luz da Terra e de todos os planetas habitados por seres humanos. A tela diagramática mostrava a coordenada exata, pela rosa sêxtupla, mas eu confesso que alimentava dúvidas sobre o nosso empreendimento. Largar aquilo solto no espaço? Muitas e muitas vezes eu ficava olhando o cristal com suas nuances policrômicas, em nosso armário de concentração gravítica, onde ele flutuava solto no ar. Eu sentiria falta daquela visão aliciante, daquela voragem de luz e cor, que parecia conter, velada, toda a beleza do universo.

Tendo conversado antes com Lícia, procurei Beng em sua mesa de trabalho:

- Esqueça os robôs. Lícia e eu colocamos o artefato no lugar.
- Eu pensei nisso, mas para que vocês vão se arriscar?
- Para que? Para ganhar um horrível salário, como diria a pobre Maturina. Ou para cumprir o contrato de mercenária, como diria a Valentina. Mas, na verdade, porque eu sou mulher bastante para cumprir com o meu dever. Não acredito em espíritos da Galáxia, mas acredito em Deus e, se esse objeto é d'Ele, eu quero restituí-lo. Talvez assim Ele me perdoe por todas as coisas erradas que eu fiz na vida.

Beng olhou-me com estranheza, como se não me conhecesse; mas não fez comentários. Só respondeu:

- Está bem. Você irá. Mas... e a menina?
- Ela irá comigo. Viveremos ou morreremos juntas, fizemos esse trato.

.....

Em nossos escafandros espaciais, dispúnhamos de uns braços articulados, tipo essas mãos coçadoras de costas, e com eles manipulávamos o cristal translúcido. Na escuridão do espaço cósmico, em meio à luz difusa de milhões de estrelas e galáxias distantes, o cristal parecia adquirir novas luzes e transparências fascinantes, como um frasco de gelatina multicolorida... Lícia e eu experimentávamos dificuldade em nos concentrar na tarefa, tal o aliciamento daquela visão.

Levávamos, presa por cordões entre os nossos, uma réplica em miniatura da tela diagramática, e quando a esferinha brilhante estivesse centralizada, saberíamos ter chegado ao ponto exato... mas não foi preciso isso. Repentinamente, como se tivesse vida própria, a chapa luminosa libertou-se das mãos plásticas e, volteando verticalmente sobre si mesma, aproximou-se de uma concentração gasosa mais espessa e opaca, entre seixos

de gelo cósmico, e lá ficou, criando uma aura gigantesca ao seu redor, com todas as cores do arco-íris e muitas outras, até mostarda, magenta e ciclâmen. Nisso, porém, em meio àquela reverberação sobrenatural, uns raios luminosos, de intensa luz azul, vieram em cheio sobre nós duas; vimo-nos envolvidas por um turbilhão de energia e som... e *música*...

Era como se estivéssemos num túnel sem fim, e como se o véu que recobre os mistérios do universo de subito se rasgasse à nossa vista...

- Vésper! Olhe! Olhe que beleza!

E aí eu vi... eu vi...

Meu Deus, não posso contar o que eu vi!

.....

Acordei no meu leito, dentro da espaçonave. Lícia estava ali, sentada na cama, velando por mim.

Até os quarenta anos eu jamais desmaiara na minha vida. Agora, num curto período, desmaiara duas vezes. Coincidência? Ou já estaria ficando velha?

Afastei esse pensamento e segurei a mão da menina, carinhosamente.

- Meu amor - você sempre dedicada, não é?

Ela sorriu.

- Descanse, Vésper. Você se emocionou muito.

- Que aconteceu lá fora, depois que eu perdi os sentidos?

- Eu pedi que puxassem os nossos cordões umbilicais e ajudei a trazê-la de volta. O Beng e a Ornela monitoravam você e disseram que estava tudo bem. Você já não estava desmaiada, mas dormindo.

- Está bem. Lícia... você viu o que eu vi?

- Vi. Eu queria falar com você sobre isso.

- Bem...

- Vésper, acho que Deus nos mostrou como o universo é bonito e como Ele nos ama. Nós tivemos... como se diz...

- Uma revelação. Uma iluminação.

- Pois é. Você vai sair da Cosmopol, não vai? Não é bom que a gente continue matando... tomando parte nessas coisas.

Eu a abracei com força:

- Você tem razão, querida. Nossa vida agora vai mudar. Eu prometo.

EPÍLOGO

E A VIDA CONTINUA

Já se passaram três anos desde os acontecimentos que eu acabei de narrar. Voltei a ser Joana Pimentel, retornei aos meus trabalhos para universitários e outras coisas que eu posso pegar, mas o primeiro-ministro arranhou um casuísmo para se reeleger e toda a nossa esperança de melhoras foi para o vácuo. O dinheiro que eu ganhei na missão está, aos poucos, se evaporando com os impostos – verdadeira derrama em cima da população – e outras despesas; mas resisto bravamente à idéia de tornar ao serviço da Cosmopol. Beng me procurou algumas vezes, inclusive para combater os piratas que infestam o cinturão de asteróides. Amável, servi-lhe chá com torradas... e mandei-o passear.

Não tornei a ver os demais da equipe, com exceção de Ornela Santangelo, com quem mantenho um contato esporádico. Uma boa alma, muito inocente. Não sei o que faz na Cosmopol. Agora trabalha com Ataliba Yezzi, que é um crânio matemático e da informática e refez a equipe do Professor Gaspar. Pelo que conta Ornela, ele continua andando de computador na mochila. Rotterdam e Tennessee andam lá por uma das Plêiades, em alguma missão espinhosa, nunca se sabe se essa gente está viva.

Eu adotei a Licia e mudamos o seu nome para Bianca. Em vez de Licia Murdoch, ele é Bianca Pimentel. Um bonito nome, não achou? Ela às vezes brinca comigo, diz que é uma pimentinha, mas que eu sou uma pimentona. Nós somos muito unidas, e a cada ano ficamos mais unidas, somos como duas irmãs. Comprei um belo casal de cachorros “collie”, Vichy e Antares, e vamos levando uma vida agradável, enquanto a tempestade não chega. Licia tem sido uma benção do céu para mim. Principalmente agora, que Filipe e Andréia concluíram seus estudos, casaram, seguiram as suas vidas e hoje não me perguntam se eu preciso de *um palito*, eu sei que, da minha família atual, só poderei contar com Bianca para me amparar na velhice.

Às vezes sinto falta de alguém, sofro de solidão. Queria ter um novo amor, como um dia amei Alfie. Penso em casar de novo e até em gerar mais um filho. Mas, antes mesmo de pensar na precaução de que eu devo me cercar, antes de introduzir um homem onde já existe uma adolescente, eu me questiono: que espécie de vida eu posso oferecer a um marido? Há uma espada de Dâmocles sobre mim, e a qualquer momento eu posso ser vítima de morte trágica. Eu e quem estiver comigo.

Valentina não sabe quem eu sou. Só me conhece por Vésper. Não sabe o meu nome, meu endereço, minhas atividades. Mas conhece a minha casa e ,

contrariando o conselho de Beng, eu não mudei o meu aspecto, não pinte o cabelo e muito menos fiz operação plástica. Eu não sou uma lagartixa. Sou uma mulher, e serei mulher até o fim.

As notícias indiretas que eu obtive através de Beng e Ornela dão conta de que a viking continua participando de missões da Cosmopol mas, nos intervalos, continua me procurando. Conheço esse tipo de pessoa. As ameaças que ela me proferiu eram para valer; ela não me perdoará e não desistirá do seu intento. Certo, ninguém da Cosmopol lhe dará a dica, creio eu. Nem mesmo Maturina e o Caveira, por menos que gostassem de mim e se ainda vivessem, desceriam a tal baixeza.

Mas ela me encontrará. Enxerguei isso nos seus olhos, quando me afastei dela... vendo-a pela última vez até agora.

Talvez por isso, ou também por isso, a minha vida mudou. O que aconteceu na longínqua nuvem cósmica também me atingiu profundamente. Ah, nossa operação deu bom resultado e o buraco negro que ameaçava uma expansão desastrosa retraiu-se, voltou ao seu tamanho normal. A Federação Terrestre e alguns planetas amigos passaram a manter discretos patrulhamentos nas proximidades dos cristais translúcidos já identificados, e eu me pergunto por quanto tempo isso funcionará. Beng, porém, me tranqüilizou: o monitoramento é perfeito. Vichtis ainda é vivo, e isso é preocupante. Mas que adiantaria matá-lo? Sempre haverá quem queira pegar os cristais. A Mão Negra, por exemplo, possui representação no Conselho da Galáxia e discretamente se opõe a que os cristais sejam protegidos. Mas estou tranqüila. Por trás dos cristais existe um poder que não teme ser desafiado por criaturas mortais.

Voltando à minha pessoa, devo dizer que hoje em dia estou muito mudada. Voltei à religião da minha infância, agora eu vou à igreja, eu rezo, e incentivo Bianca a fazer o mesmo. Vocês que lêem podem até zombar, mas creiam: a nossa filosofia, a nossa visão de vida, altera-se profundamente diante de uma ameaça mortal, contínua e oculta. Espero a morte a qualquer instante, e quero estar em paz com a minha consciência. Nas minhas conversas com Deus eu já pedi, entre lágrimas, perdão para os crimes que eu pratiquei em mais de vinte anos de mercenarismo.

Bianca está indo bem em todos os sentidos. Eu a treino em luta, manejo de armas e nos truques que a espionagem me ensinou. Ela aprende facilmente. Na escola é uma estudante aplicada, interessada, de notas altas. Está ficando bonita, atraente, um pedaço de garota aos treze anos. Claro, nessa idade é comum que as adolescentes comecem a sofrer pressões, constrangimentos por parte de certos colegas machistas, que acham que uma garota, mesmo sem ser namorada, tem que se entregar, ceder aos seus caprichos sexuais... e muitas

garotas cedem e se entregam por medo ou fraqueza moral, sem que ninguém possa acusar esses taradinhos de violência sexual. Infelizmente tem muito disso no ambiente escolar, e jovem, dos nossos dias. Só que com Bianca a coisa é bem outra. Depois que dois desses garotos saíram da empreitada com o olho roxo, outros dois com o nariz quebrado, e o último com três dentes a menos, eu deixei de me preocupar: já nenhum deles ousa mexer com Bianca e com as suas protegidas.

Ela também é boa nos esportes. E, graças a Deus, eu consegui convencê-la a somente usar seu bastão de beisebol quando estiver jogando beisebol – e de preferência na bola.

Mas por trás de toda essa aparente normalidade está a angústia silenciosa da expectativa, a espera do inevitável, o hábito de olhar para os lados, de procurar manter as costas perto da parede, de monitorar eletronicamente os movimentos da vizinhança. E a monomania de pensar: será hoje? Será amanhã?

Tenho para mim que Valentina virá sozinha. Faz parte dos seus métodos. Quando não está em missão, acompanhando uma equipe da Cosmopol, ela age sozinha. Ela é auto-suficiente. Virá sozinha e tentará matar a nós duas. Se somente eu for abatida o assunto não estará encerrado, pois Bianca irá caçá-la até os confins do universo. Eu acredito que a valquíria anabolizada fará de tudo para me localizar nos próximos dois ou três anos, porque o tempo corre contra ela: após esse prazo Bianca estará crescida, totalmente treinada e extremamente perigosa. Mesmo agora...

Eu às vezes converso com minha filha sobre esse assunto. Falo-lhe com franqueza do perigo que nós corremos. Ela invariavelmente responde coisas assim:

- Não se preocupe com Valentina, mamãe. *Pode deixar que eu cuido dela!*

Mas não quero isso. Não quero que Bianca se intrometa, não quero ninguém passando a minha frente. Não, Licia, essa briga é minha.

Até peço a Deus que ela não esteja por perto no dia do acerto de contas, em que Valentina, tendo descoberto o meu paradeiro, virá ao meu encontro, para me exterminar.

Quando isso acontecer, quando esse dia chegar, eu quero ser Vésper e não apenas Joana. Apesar da força e da aptidão de minha adversária, eu jamais me entregarei sem luta.

A História haverá de registrar, algum dia, qual de nós duas é a melhor.

F I M

SOBRE O AUTOR:

Miguel Francisco da Cruz Carqueija, conhecido apenas por *Miguel Carqueija*, nasceu em 14 de agosto de 1948 no Rio de Janeiro (capital) e é funcionário do Banco do Brasil desde 1982.

Como escritor especializou-se em ficção científica produzindo contos, mini-contos e novelas, além de resenhas críticas de livros em geral de autores nacionais.

Desde 1983 participa do fandom de ficção científica e gêneros próximos, como a fantasia, o terror e a narrativa policial. Colaborou em diversos fanzines como Megalon, Hiperespaço, Somnium, Notícias do Fim do Nada, Scarium e outros. Teve trabalhos publicados em revistas profissionais como Dragão Brasil e Perry Rhodan.

Participou de aproximadamente vinte antologias, algumas especificamente de ficção científica como “Dinossauria Tropicalia” (Edições GRD, S.Paulo, 1994), algumas de poesias (somente na década de 80) e outras de caráter misto, como as do Banco de Talentos da Febraban (trabalhos de bancários). Entre os trabalhos recentes destaca-se a participação na antologia “Vinte voltas ao redor do Sol”, edição independente do Clube de Leitores de Ficção Científica, em 2005 e vários contos publicados na revista Perry Rhodan, da editoras SSPG (Belo Horizonte).

Autor de alguns livros individuais independentes, como “A âncora dos Argonautas”, “A Esfinge Negra”, “A Rainha Secreta” e “As luzes de Alice”.

Com muitos textos colocados em páginas virtuais (exemplo, o conto “Eu sei o que vocês vão fazer no próximo verão”, na página virtual www.scarium.com.br).

O conto “O tesouro de Dona Mirtes”, originalmente publicado em 1999 pelo fanzine Juvenatrix e na edição daquele ano do Banco de Talentos, foi filmado em curta-metragem pelo grupo Arte Urbana, de Ribeirão Preto, em 2004.

Os contos de Miguel Carqueija apresentam críticas sociais em ambiente futurista, sátiras, histórias de espaço profundo, fantasias, terror (parte no universo lovecraftiano) e fanfics. Nas novelas, predominam as heroínas em aventuras espaciais e futuristas.

Miguel Carqueija também dá palestras sobre assuntos de ficção científica em geral e brasileira, quadrinhos, cinema e desenhos animados.

Visite nosso sítio WEB:



Cultura pura. Sem comércio, sem propaganda, aqui só importa a qualidade da obra

e-Books gratuitos,

Literatura,

Artes Plásticas,

Folclore,

Arte Regional,

Temas em Debate

casadacultura.org



Diretor Geral

André Carlos Salzano Masini

casadacultura.org

